

**TESTEMUNHAS DO CAOS  
AS FACES DO TERRAMOTO  
DE 1755**

*WITNESSES OF CHAOS  
ASPECTS OF THE 1755 LISBON EARTHQUAKE*



**Miguel Telles Antunes e João Luís Cardoso**  
(Editores Científicos)

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA  
LISBOA . 2017

TÍTULO – **TESTEMUNHAS DO CAOS | AS FACES DO TERRAMOTO DE 1755**  
**WITNESSES OF CHAOS | ASPECTS OF THE 1755 LISBON EARTHQUAKE**

EDIÇÃO – Academia das Ciências de Lisboa

EDITORES CIENTÍFICOS – Miguel Telles Antunes  
e  
João Luís Cardoso

CORRESPONDÊNCIA – Academia das Ciências de Lisboa  
Rua da Academia das Ciências de Lisboa, 19  
1240-122 LISBOA  
PORTUGAL

CAPA

“A Nossa Senhora da Estrela”. “Voto que no terremoto de 1755 fez Leonardo Rodrigues porque faltando-lhe uma filha de 3 anos, invocando a dita Senhora a achou depois de 7 horas nas ruínas das suas casas com uma tão perigosa ferida na cabeça, que atribue a sua vida à intercessão da Soberana Senhora”. Foto cedida pelo Museu de Lisboa.

ORIENTAÇÃO GRÁFICA

E REVISÃO DE PROVAS – Editores Científicos e Autores

PAGINAÇÃO – M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Graficamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 420946/17

ISBN: 978-972-623-314-5



© Autores – Os textos publicados são da exclusiva responsabilidade dos autores.  
Academia das Ciências de Lisboa

Patrocínio exclusivo – Câmara Municipal  
de Oeiras



# **PRIMEIRA EVIDÊNCIA DAS VÍTIMAS DO TERRAMOTO DE 1755 NA CIDADE DE LISBOA COMPROVADA PELAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS REALIZADAS NO ANTIGO CONVENTO DE JESUS**

## ***FIRST EVIDENCE OF THE VICTIMS OF THE 1755 EARTHQUAKE IN THE CITY OF LISBON: RESULTS OF THE ARCHAEOLOGICAL EXCAVATIONS PERFORMED AT THE FORMER CONVENT OF JESUS***

João Luís Cardoso\*

### **Abstract**

The excavations of preventive nature, lead under the author's direction in the old convent of Jesus, presently the *Academia das Ciências de Lisboa*, between June and December 2004, correspond in reality to a smaller part of the area that could have interest due to the existence of a mortuary deposit of human bone remains, in most part already non-articulated and incomplete. This vast deposit is a continuous layer showing in some cases an intentional disposition of its elements, in particular some long bones and skulls, and also includes a range of diverse archeological remains, from domestic ceramic fragments of the 17<sup>th</sup>-18<sup>th</sup> centuries to house building materials, food remains, coins and coal fragments, amongst others, related to the daily life of this urban population. Some of the human remains show alterations due to the exposition to intense sources of heat. Such modifications are compatible with the generalized fire which devastated the city of Lisbon following the earthquake of 1755 and, consequently, this is the first evidence of victims of this catastrophe that, as unrecognizable corpses, were buried in sacred ground, as it was usual in the epoch. In fact, under this bone layer, many bodies were buried, sometimes one over another, all of them in dorsal decubitus, generally with the arms crossed over the chest, a position characteristic of the Franciscan monks, related to the fact that the Convent belonged then to the "Ordem Terceira de São Francisco".

Besides the convent monks, also buried could have been in that place the inhabitants of the surrounding area of the city, before 1755. The material remains found in relation to these bodies included several elements of personal use and many pins used for the burial of corpses.

*Keywords:* 1755, Lisbon earthquake, victims.

---

\*Academia das Ciências de Lisboa – Classe de Ciências.  
Email: cardoso18@netvisao.pt

“E por que naquela hora a maior parte das cazas tinha as fornalhas acezas para fazerem os seus jantares; e da mesma forma em todas as Igrejas se dava principio aos officios Divinos, que pela festividade do dia ser mais solemne achavão-se os Altares todos com velas acezas; e pela cahida das paredes ficou o fogo sopitado, foi pouco a pouco ateando-se em maneira que pelo meio dia se descobria já em muitas partes distinctas o incendio ateado, que lavrou com tanta força e rapidês que nessa noite a parte mais nobre, e rica da cidade ficou reduzida a cinzas, proseguindo sem obstaculo, e devorando tudo o que encontrava.”  
Gramosa, J. P. Ferrás – “O memoravel terremoto acontecido no 1.º dia do mês de Novembro do anno de 1755”. *Successos de Portugal Memorias historicas politicas e civis em que se descrevem os mais importantes successos occorridos em Portugal desde 1742 até ao anno de 1804.*

## 1 - INTRODUÇÃO

Pelo officio da Academia das Ciências de Lisboa n.º 238, de 24 de Junho de 2004, solicitou o Prof. Doutor M. Telles Antunes, Director do Museu da Academia, em nome do Presidente da Instituição, a colaboração do signatário para assegurar a direcção dos trabalhos arqueológicos motivados pela descoberta, por si efectuada nos dias anteriores, de restos humanos e outros, na ala sul do claustro do antigo Convento de Jesus, sede da Ordem Terceira de São Francisco (Fig. 1).

Com efeito, as obras de renovação do piso térreo daquele sector do edificio, a cargo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, puseram accidentalmente a descoberto os referidos restos, facto que constituía motivo de urgência acrescida, na pretendida intervenção, a qual não tinha sido previamente contemplada no lançamento da obra então curso, a cargo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Fig. 2).

Atenta a urgência de uma rápida intervenção, foi solicitada pelo signatário, ao Instituto Português de Arqueologia, a necessária autorização para proceder aos referidos trabalhos, enquadrados legalmente na Categoria C – acções preventivas a realizar no âmbito de trabalhos de minimização de impactos devidos a empreendimentos públicos ou privados, em meio rural, urbano

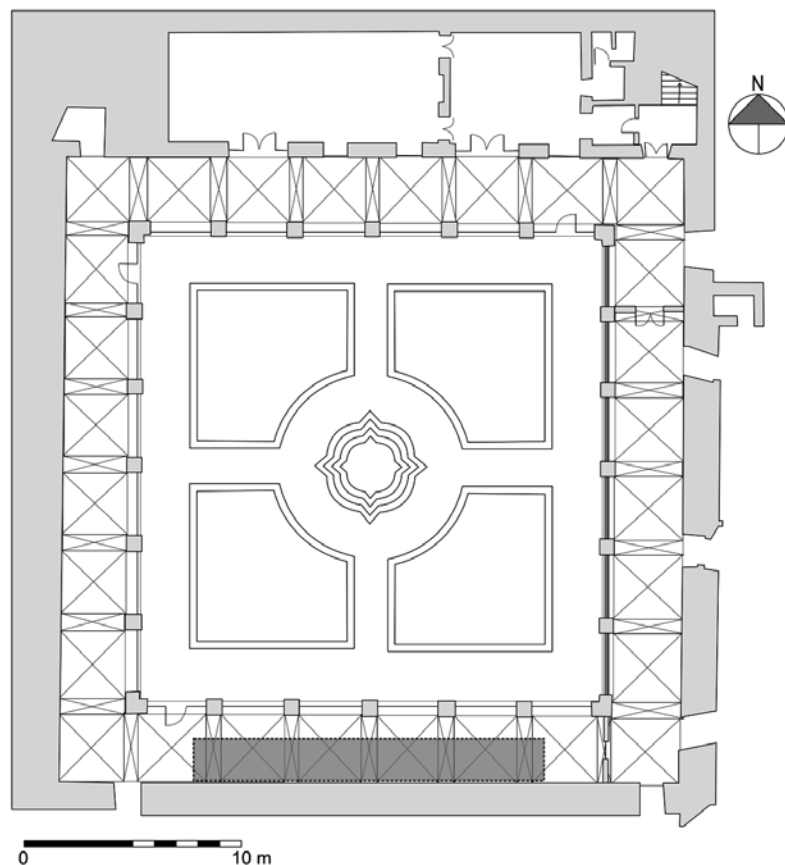


Fig. 1 – Localização, a cinzento, da área escavada na ala sul do claustro do Convento de Jesus na planta levantada pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (modificada).

ou subaquático, a este comunicada por Ofício de 25 de Junho de 2004.

A prontidão com que foi comunicada a respectiva autorização por parte do IPA, permitiu que os trabalhos tivessem início logo no mesmo dia (25 de Junho de 2004).

A necessidade de proceder a estes trabalhos arqueológicos, obrigou a que o programa das obras previstas fosse profundamente alterado. Por acordo com o dono da obra – a Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais – foi definido um prazo dilatado para a realização dos trabalhos arqueológicos, mantendo-se a presença diária

no local dos trabalhadores da empresa a quem os trabalhos haviam sido adjudicados, agora ocupados com as novas tarefas que lhes foram solicitadas no âmbito da realização das escavações: o seu excelente desempenho merece ser devidamente valorizado, pois que dele dependeu o bom andamento dos trabalhos até à respectiva conclusão, verificada no início do mês de Dezembro de 2004. Aqui se registam os seus nomes: Lourival Lucindo do Carmo, Cláudio Andrade de Lemos, Luís António Mendes Monteiro e Marcelo Ferreira Araújo Tavares.

Além dos operários mencionados, participaram diariamente nas escavações, entre 25 de Junho e 30 de Julho, o Dr. Filipe Santos Martins, colaborador habitual do signatário e o aluno João Pereira Brandão. Numa segunda fase, que decorreu entre inícios de Agosto e os inícios de Dezembro, procedeu-se à crivagem sistemática das terras removidas da escavação, tarefa que conduziu à recolha de inúmeros pequenos objectos, devidamente referenciados.

Os desenhos e cortes da área escavada estiveram a cargo do desenhador de arqueologia Bernardo L. Ferreira, também colaborador próximo e usual do signatário.

O interesse dos resultados obtidos justificou, por sugestão do signatário – obtida de imediato a concordância dos responsáveis da Academia das Ciências, nas pessoas do Director do Museu e do Presidente da Academia, na qualidade de proprietária do edifício e da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, como dona da obra – que se alterasse o projecto inicial de recuperação do piso térreo do claustro, que previa a colocação integral de pavimento lajeado. Deste modo, na área mais relevante da escavação, o referido revestimento foi substituído por estrutura de caixilharia de ferro, com painéis de vidro resistente, de modo a permitir a observação parcial da referida zona escavada, sem prejuízo da circulação pedonal naquela ala do claustro. Assim se garantiu a salvaguarda e a musealização de um testemunho arqueológico de relevância ímpar para a história de Lisboa, e, em particular, para a história de um dos seus conventos mais notáveis (Fig. 3).

Importa sublinhar o interesse e empenho com que os trabalhos foram acompanhados, tanto da parte da Academia das Ciências, como da parte da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, da empresa adjudicatária e de todos os operários envolvidos nos trabalhos, o que permitiu a conclusão dos mesmos em cerca de seis meses, apesar das limitações orçamentais existentes e da complexidade dos trabalhos realizados.



**Fig. 2** – Vista da intervenção arqueológica, obtida do primeiro andar do edifício, já em fase de arranjo museológico, a 30 de Novembro de 2005 (Foto de J. L. Cardoso).

O interesse científico dos trabalhos, comprovado pelos resultados que iam sendo obtidos no decurso dos mesmos, justificou, na falta de qualquer outro apoio financeiro, o pedido, endereçado pela Direcção da Academia à Fundação Calouste Gulbenkian, o qual foi prontamente deferido; este financiamento afigurou-se essencial, não só para custear os registos de campo, como para os consequentes trabalhos laboratoriais, designadamente de conservação e restauro do material antropológico, entretanto realizados. Tais tarefas envolveram a sua lavagem e consolidação, a par da lavagem e crivagem de terras. Estes trabalhos, realizados tanto na

Academia das Ciências pela estagiária Dr.<sup>a</sup> Sara Pereira de Almeida, como no laboratório do Departamento de Geociências da Universidade de Évora e no Museu do GEAL – Lourinhã, permitiram lançar, desde logo, estudos que versaram vários temas. Destes, merecem naturalmente destaque para os de Antropologia Física e Forense, os quais conduziram já a uma tese de doutoramento, da autoria de Cristiana Pereira e a outros contributos sobre aspectos paleodemográficos e paleopatológicos evidenciados pelo conjunto humano exumado no decurso das escavações arqueológicas (ALMEIDA, 2006-2007; PEREIRA & ANTUNES, 2006-2007).

Com efeito, o estudo do rico espólio antropológico exumado foi iniciado pelo Prof. Doutor A. Santinho Cunha, na qualidade de especialista em Medicina Legal e Forense, em colaboração com o Prof. Doutor M. Telles Antunes, tarefa depois continuada apenas sob coordenação deste último, por impedimento do primeiro que conduziu, a curto prazo, ao seu falecimento; naturalmente, foi necessário assegurar o apoio de diversos especialistas, tendo presente a diversidade dos materiais encontrados, objectivo espelhado pela realização deste Colóquio. Note-se, no entanto, que os referidos estudos apenas interessaram restos humanos relacionados com vítimas do terramoto, e não com os relacionados com os sepultamentos efectuados anteriormente no claustro do convento, os quais, para efeitos de musealização, se decidiu manter *in situ*.

Deste modo, o presente estudo, dará conta, de forma circunstanciada, dos principais resultados proporcionados pela intervenção arqueológica propriamente dita, a qual, embora objecto de contributos já publicados (CARDOSO, 2006-2007), permitiu, como resulta do presente contributo, a valorização de alguns dos espólios arqueológicos, arqueozoológicos e antropológicos exumados mais relevantes e ainda pouco conhecidos, com base, em certos casos, em estudos que sobre os mesmos foram entretanto realizados. Desta forma, em certo sentido, constitui assim uma síntese, ainda que necessariamente incompleta, dos resultados das escavações bem como dos espólios mais relevantes e interessantes que as mesmas proporcionaram.



**Fig. 3** – Vista da recuperação museológica, em curso a 30 de Novembro de 2005, da intervenção arqueológica em fase de conclusão, correspondendo à substituição do pavimento de lajes aparelhadas de calcário por estrutura em ferro destinada à colocação de painéis de vidro resistente, por forma a permitirem a visualização da escavação (Foto de J. L. Cardoso).

## 2 - TRABALHOS REALIZADOS

A grande abundância com que ocorriam ossos humanos, logo por baixo da fina camada de cimento que cobria a totalidade da ala sul do claustro, cuja remoção esteve na origem dos primeiros achados, justificou a opção de proceder, em extensão, ao desmonte daquela camada, por meios mecânicos, de modo a colocar a descoberto a camada ossífera subjacente. Com efeito, ao contrário do verificado nas alas poente e norte do claustro, em que se conservaram as cantarias originais que cobriam as sepulturas conventuais, conservando a numeração usual, gravada na tampa, nas alas sul e nascente tal não se observava, em resultado talvez das destruições provocadas pelo terramoto de 1755 e de outras alterações que aqueles espaços conheceram, ao longo dos séculos XIX e XX, incluindo o reaproveitamento de pedras tumulares para o piso do 1.º andar.

Para não impedir a extracção dos entulhos, além da circulação de pessoas e de equipamentos, foi necessário deixar livre cerca de metade da largura do corredor do claustro. Os trabalhos iniciaram-se ao longo da parede da ala sul do claustro (Fig. 4), atingindo 17 metros de comprimento, por 2 metros de largura, sendo limitados, do lado oposto, por uma canalização de águas residuais, já desactivada, constituída por manilhas de grés cerâmico. Assim, a área investigada, correspondente a um longo e estreito rectângulo, atingia, no final da escavação, 34 metros quadrados de área total.

Logo que delimitada em superfície a área que viria a ser investigada, os trabalhos prosseguiram, em profundidade, através de decapagens sucessivas por camadas artificiais de 10 cm. Para o efeito, a área previamente definida foi dividida longitudinalmente em duas metades, dando-se primazia à escavação do sector encostado à parede do claustro, conforme acima referido, de modo a permitir a evacuação das terras da escavação, antes de ser escavado o sector mais afastado da referida parede (Fig. 5).



**Fig. 4** – Vista geral da primeira fase das escavações, tomada de Oeste para Este, obtida quando se explorava o sector ao longo da parede sul do claustro (Foto de J. L. Cardoso).



**Fig. 5** – Vista geral das escavações, tomada de Oeste para Este, na sua fase final, evidenciando-se o septo longitudinal separador dos alvéolos funerários correspondentes à necrópole conventual (Foto de J. L. Cardoso).

Desde as primeiras fases dos trabalhos que se verificou a existência de numerosos alinhamentos de blocos calcários, assentes na camada mais moderna da sequência estratigráfica adiante descrita, paralelos entre si e perpendiculares à parede do claustro, cujo significado funcional, de início desconhecido, se veio depois a clarificar, conforme se verá aquando da descrição e interpretação das estruturas postas a descoberto.

Com o desenvolvimento da escavação em profundidade, verificou-se a existência de uma outra estrutura, subjacente e discordante aos alinhamentos referidos. Trata-se de uma construção septada de grande qualidade, constituída por paredes de argamassa de cal e areia, com a superfície finamente regularizada, a qual se desenvolvia pela totalidade da área investigada do subsolo daquela ala do claustro. O septo longitudinal central, que separava em duas metades iguais a área investigada, apresentava-se particularmente evidente, estruturando os septos transversais que nele se cruzavam.

Esses septos, no conjunto, definiam alvéolos rectangulares com o comprimento interno aproximado de 1,80 m e a largura média de 0,70 m, no fundo dos quais se efectuaram invariavelmente inumações humanas adiante descritas. Estava-se, pois, em presença da necrópole outrora constituída nas quatro alas do claustro conventual, aliás bem evidenciada pelas já mencionadas lajes numeradas que ainda se conservam nas alas norte e poente do recinto e, em posição secundária, no 1.º andar.

Acima do topo dos referidos septos, recobrando-os invariavelmente, e penetrando no interior dos alvéolos por eles definidos, desenvolvia-se, de forma contínua, importante depósito ossífero, com ossos humanos dispostos de forma aleatória, possuindo espessura irregular, o mesmo que deu origem a esta intervenção arqueológica.

A etapa seguinte consistiu no alargamento da escavação, explorando-se a outra metade da área previamente definida, do lado da arcaria do claustro, com o objectivo de confirmar, em profundidade, não só o desenvolvimento e potência da camada ossífera, mas também o prolongamento do sistema de septos subjacente. O processo utilizado nesta segunda fase dos trabalhos de escavação foi idêntico ao adoptado anteriormente, aprofundando-se a escavação por camadas artificiais de 10 cm (Fig. 6); tal como se tinha anteriormente verificado, também neste sector, depois de ultrapassada a camada ossífera, se atingia o nível correspondente às inumações primitivas efectuadas no claustro, observadas no fundo de cada alvéolo definido pela estrutura septada atrás referida.

### 3 – RESULTADOS OBTIDOS

Os trabalhos arqueológicos realizados confirmaram a importância da necrópole instalada no claustro conventual, bem evidenciada pelas lajes numeradas que ainda se conservam nas alas norte e poente, a qual se prolongava pelas outras duas alas, a sul e a nascente, das quais apenas cerca de um quarto da ala sul foi investigada, não tendo a ala nascente sido objecto de escavação, o que obrigaria ao prolongamento dos trabalhos muito para além



**Fig. 6** – Pormenor da realização das escavações, com recurso a alguns dos trabalhadores da obra entretanto suspensa. Foto de J. L. Cardoso.

dos prazos acordados com o dono da obra, tendo presentes os meios disponibilizados para o efeito. Por outro lado, importava salvaguardar as áreas da necrópole não exploradas, tendo em vista futuras intervenções. Para o efeito, colocou-se fina camada arenosa, sobre o topo do solo ossífero aflorante, o qual foi selado com lajes novas de calcário, que revestiram integralmente o piso das alas sul e poente do claustro, exceptuando a área onde o projecto inicial foi alterado, tendo em vista a musealização do novo espaço arqueológico.

A planta geral da necrópole, na parte respeitante à área que foi investigada, apresenta-se na Fig. 8, em dois planos sucessivos. O primeiro (Fig. 7, em cima), corresponde ao sector inicialmente escavado, ao longo da parede sul do claustro, registando-se os materiais do nível mais moderno, correspondente à Camada 1 da sequência abaixo descrita; o segundo (Fig. 7, em baixo), corresponde ao registo das estruturas e das tumulações mais antigas, tal como se apresentavam no final dos trabalhos. Indicam-se, na referida figura, dois cortes transversais (Corte A-B e Corte C-D), nos quais se baseou a descrição geral da sucessão estratigráfica observada, a seguir apresentada.

### 3.1 – Estratigrafia

A sequência estratigráfica identificada afigura-se muito simples, sendo constituída apenas por duas camadas, de fácil identificação, as quais, de cima para baixo, correspondem à descrição seguinte:

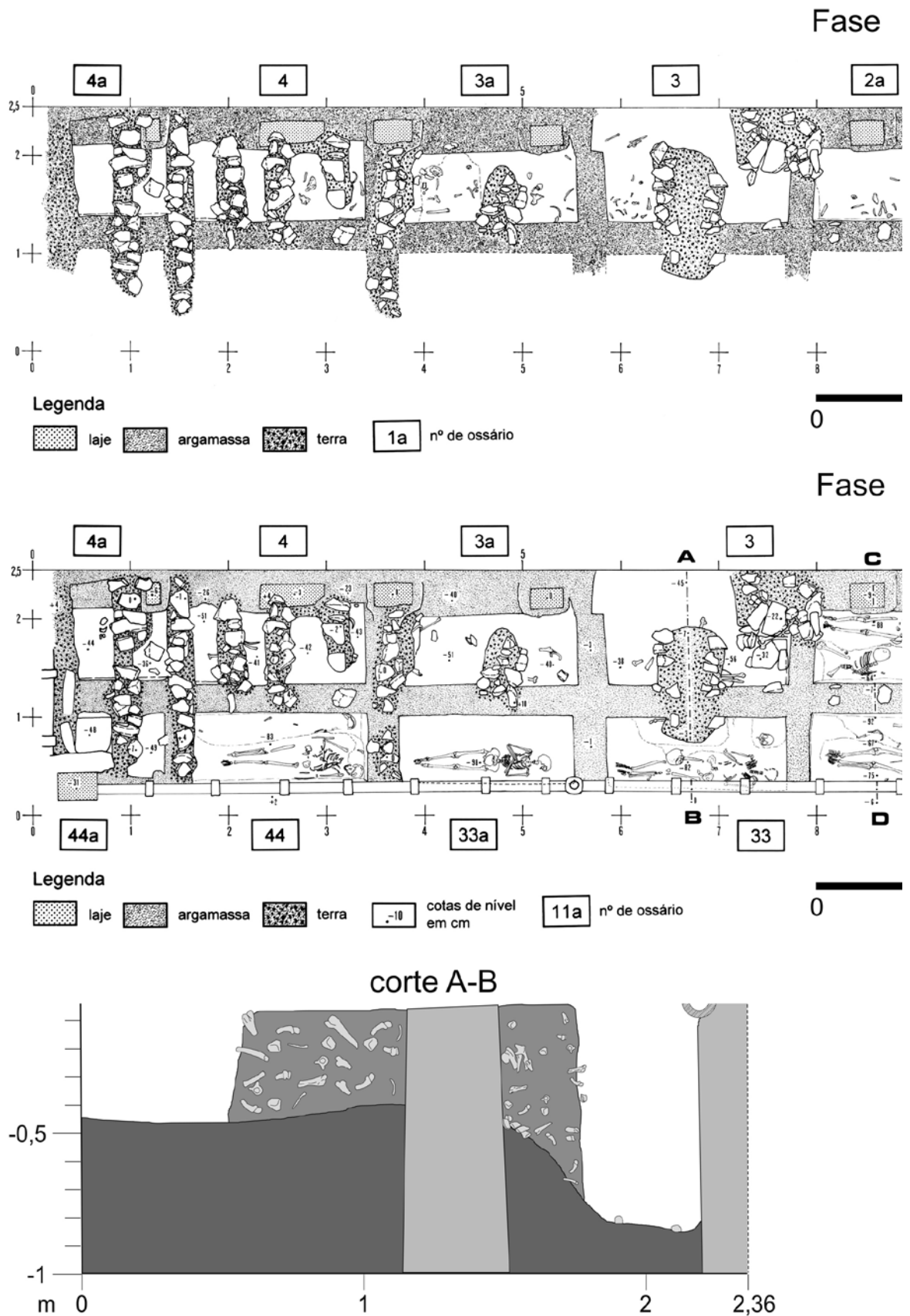
C.1 – Camada ossífera, pouco consolidada, de coloração amarelo-acastanhada, formada por uma amálgama desordenada de ossos humanos, na maioria inteiros, de mistura com abundantes fragmentos de azulejos figurativos azuis e brancos da primeira metade do século XVIII, faianças portuguesas da segunda metade do século XVII - primeira metade do século XVIII, fragmentos de cachimbos de barro e de caulino da mesma época, além de outros objectos (Fig. 8). Na parte superior desta camada, encontraram-se materiais do século XIX, indicio que os derradeiros remeximentos se efectuaram nesta época, corroborados por algumas moedas coevas. Esta camada é, pela sua natureza e composição, um depósito secundário remobilizado, com diversas origens, constituído por ossos humanos transportados de outros locais, ainda que com algum cuidado, como testemunham os crânios inteiros que foi possível recuperar (Fig. 9), de mistura com materiais resultantes de entulhos ou demolições. Nalguns casos, foi possível observar o cuidado com que se “arrumaram” os ossos longos, encostados uns aos outros (Fig. 10).

Note-se que não se identificaram vestígios de cal hidráulica, comum em inumações em cemitérios, especialmente em casos de depósitos colectivos envolvendo número assinalável de indivíduos. As características do depósito indicam que a remobilização foi efectuada com os ossos desprovidos das partes moles e já totalmente desarticulados, ou quase. É excepção um exemplar conservando a caixa torácica e o crânio, arrojado de braços para dentro de um dos carneiros pré-existentes (Fig. 11).

A potência desta camada não ultrapassa 0,60 m.

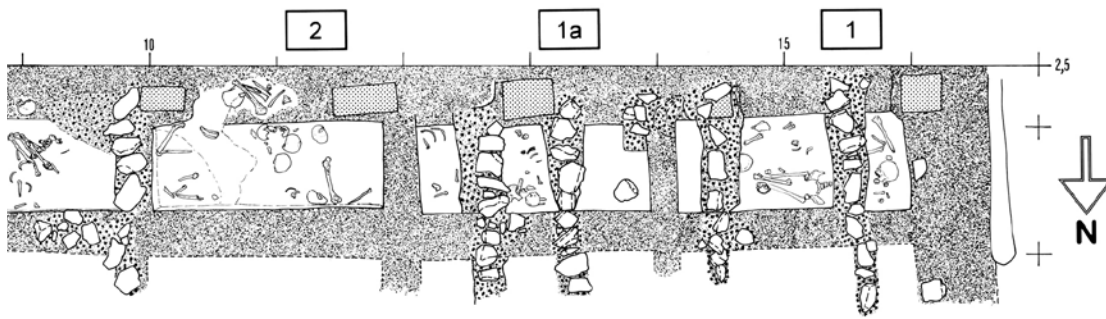
C.2 – Corresponde às inumações normais de corpos estendidos, na parte inferior dos alvéolos definidos pelo sistema de septos descrito, em posição de decúbito dorsal, em geral com os braços cruzados sobre o peito, numa posição franciscana característica, em consonância com a Ordem religiosa ocupante do antigo Convento de Jesus (Fig. 12 a Fig. 20). É interessante verificar o contraste verificado entre esta situação e a evidenciada na Camada 1, onde os restos humanos se encontravam dispersos na mais completa desordem.

Os esqueletos da Camada 2 encontram-se em bom estado de conservação, incluídos em camada terrosa anegrada, fina, rica de matéria orgânica.



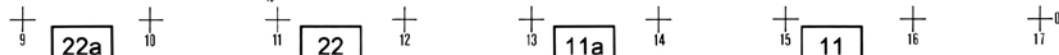
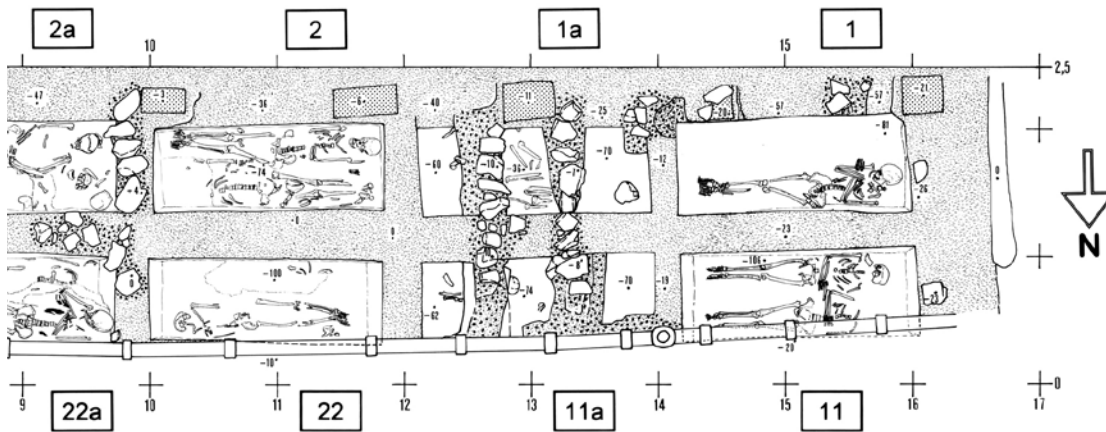
**Fig. 7** – Planta geral da área escavada, ao longo da parede sul do claustro, correspondente ao topo da Camada 1 (em cima). Em baixo: planta geral da área escavada, correspondente ao final das escavações e respectivos cortes realizados (Corte A-B e Corte C-D), observando-se a Camada 1, correspondente ao depósito ossífero das vítimas do terramoto e a Camada 2, correspondente à deposição dos corpos em posição normal anteriores ao terramoto (Desenho de B. L. Ferreira, sob supervisão de J. L. Cardoso).

inicial



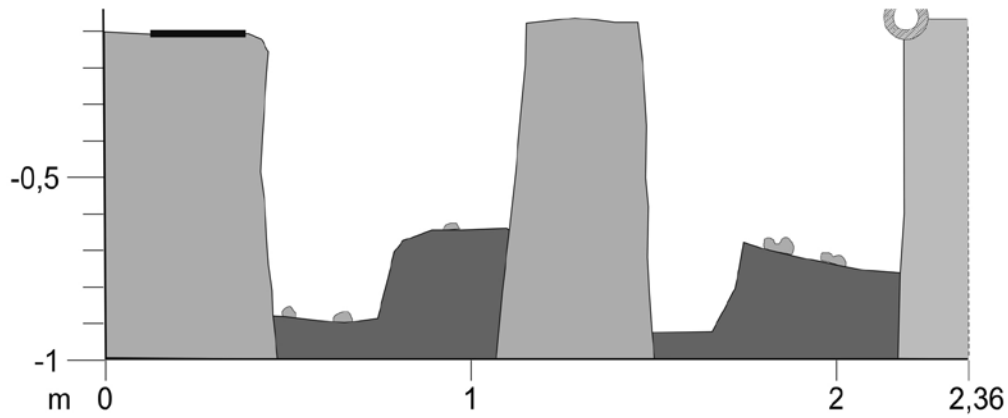
1 2 m

final



1 2 m

corte C-D



No sentido de melhor aproveitamento do espaço, sempre exíguo nestas circunstâncias, são comuns sepultamentos sobrepostos dentro do mesmo alvéolo; noutros casos, os corpos foram depositados com orientações opostas, ao mesmo nível, também para rentabilização daquele, o que configura a realização de enterramentos ocorridos em sequência, separados por curtos intervalos de tempo. Tudo indica mortes naturais, como normal foi o modo de sepultamento.

Associadas a estas tumulações, encontraram-se muitos alfinetes (que prendiam mortalhas de pano), medalhas com motivos religiosos (verónicas), contas e elementos de cruzeiros de rosários, de osso e vidro, um crucifixo de madeira com embutidos de madre-perla, muitos colchetes atribuíveis a elementos de vestes talares, restos de couro do rastro de sandálias ou de sapatos, fivelas, botões de punho, etc. Estes elementos, que adiante serão tratados mais pormenorizadamente, configuram os adereços usuais em túmulos dos religiosos que ocupavam o convento. Fica por determinar se os falecidos na área urbana envolvente, seriam também sepultados no claustro. Eram-no seguramente na Igreja de Jesus, mas como este espaço é grande, envolvendo áreas exteriores (adro) e interiores claustro e igreja propriamente dita), a indefinição mantém-se. A documentação existente configura contudo essa realidade (CATÁLOGO, 2016), dado que, tendo a igreja sido fortemente afectada pelo terramoto, sobraria o claustro para a realização das cerimónias fúnebres de alguns



**Fig. 8** – Pormenor do enchimento superior de um dos alvéolos, correspondente à Camada 1, evidenciando-se a distribuição desordenada de restos humanos (Foto de J. L. Cardoso).



**Fig. 9** – Conjunto de crânios associados à Camada 1, correspondente ao depósito ossífero das vítimas do terramoto (Foto de J. L. Cardoso).



**Fig. 10** – Pormenor do enchimento de um dos alvéolos, correspondente à Camada 1, observando-se o arrumo de ossos longos, indício de já não terem as partes moles conservadas aquando desta última deposição, correspondente às vítimas do terramoto (Foto de J. L. Cardoso).

paroquianos falecidos nos dias subsequentes à grande catástrofe (Fig. 21).

A potência da camada correspondente a estas tumulações não foi determinada, porque não se procedeu à remoção de qualquer esqueleto – dado o interesse, como acima se disse, em os conservar *in situ* no âmbito da musealização pretendida – mas excede, invariavelmente, a potência de 0,40 m.

### 3.2 – Estruturas

Removido o piso cimentado que revestia até à intervenção arqueológica o chão da ala sul do claustro, a limpeza do terreno permitiu evidenciar alinhamentos de blocos de calcário, heterométricos e irregulares; tais alinhamentos encontram-se afastados entre si de 0,50 a 0,70 m, dispondo-se perpendicularmente à parede do claustro (Fig. 22). A sua finalidade, ainda que pouco clara, parece ter sido a de garantir o apoio às traves de madeira onde assentavam as tábuas corridas de um soalho ali instalado, relacionável com reconstrução desta ala do claustro, na segunda metade do século XVIII, com sucessivos arranjos ao longo de todo o século XIX, relacionados com as adaptações funcionais verificadas no espaço correspondente, até à sua substituição, no século XX, pelo chão de cimento conservado até 2004. Com efeito, podem ser atribuídos a consertos do soalho de finais do século XIX, ou mesmo à sua remodelação, os achados arqueológicos mais modernos, adiante referidos.

Importa ter presente que aquela ala do claustro era uma sala da aula do antigo Curso Superior de Letras, designada por “O eléctrico”, dado o seu formato alongado e envidraçado, do lado do claustro, sendo o chão de soalho. Por outro lado, alguns materiais encontrados igualmente no topo da Camada 1, de carácter laboratorial, mais antigos, são conotáveis com a actividade da Aula Maynense, ali instalada por iniciativa de Frei José de



**Fig. 11** – Vista geral de um dos alvéolos, evidenciando-se no canto inferior direito parte de um esqueleto conservando ainda as conexões anatómicas, arrojado para o interior daquele espaço, tendo ficado depositado na Camada 1, assente na Camada 2, representada por deposição normal em decúbito dorsal. Note-se que esta parte do esqueleto ficou em posição invertida, com as costas voltadas para cima, correspondente a uma das vítimas do terramoto cujo corpo já se encontrava parcialmente desarticulado (Foto de J. L. Cardoso).

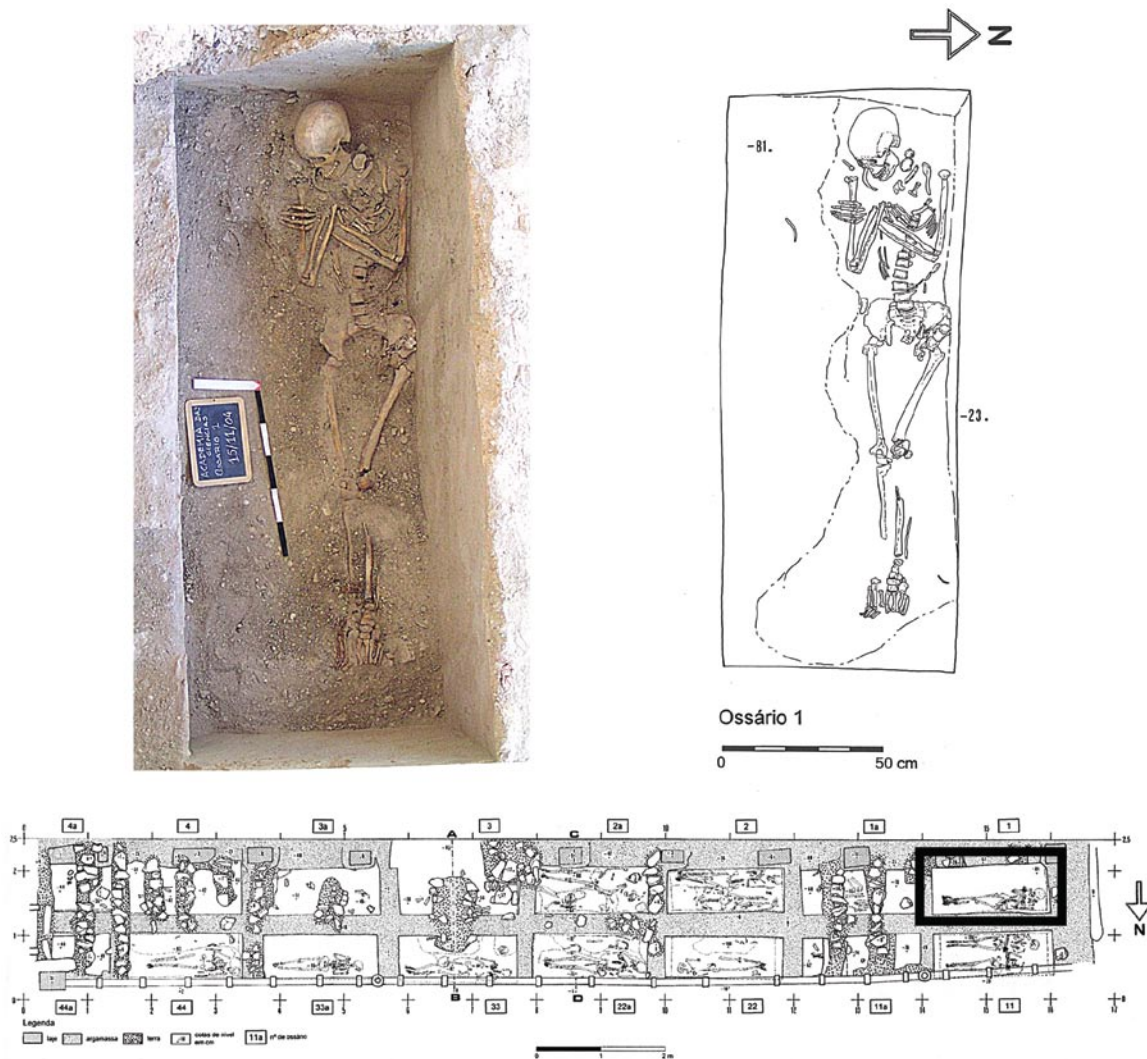


Fig. 12 – Ossário 1: localização na área escavada e respectivo registo gráfico e fotográfico (Foto de J. L. Cardoso).

Jesus Mayne, na segunda metade do século XVIII e depois mantida pela Academia das Ciências de Lisboa, ao longo do século XIX e até 1919.

A segunda estrutura identificada (que se estendia, sob a anterior, por toda a área escavada) corresponde aos já também mencionados septos de argamassa de cal e areia ortogonais, definindo alvéolos rectangulares, destinados a sepulturas, com o comprimento interno aproximado de 1,80 m por 0,70 m de largura (carneiros). Trata-se de construção robusta e cuidada, coeva da época da construção do próprio claustro, na primeira metade do século XVII. Os respectivos muros têm espessuras constantes, cerca de 0,30 m em média (embora o muro longitudinal seja mais espesso que os transversais), e superfícies internas cuidadosamente alisadas, rebocadas de argamassa fina de cal e areia. Data desta época a mais antiga moeda encontrada, do reinado de D. João IV, a qual poderia acompanhar um dos enterramentos (óbulo a Caronte), colocada na mão ou mesmo na boca, como em outros casos se comprovou, devido à impregnação com hidróxido de cobre dos ossos. Aliás, a estrutura e dimensões do espaço, compartimentado por septos ortogonais, condicionou a própria disposição das lajes tumulares numeradas e respectivas esquadrias envolventes, observadas à superfície, mas apenas conservadas até ao presente nas alas norte e poente do claustro (Fig. 23).

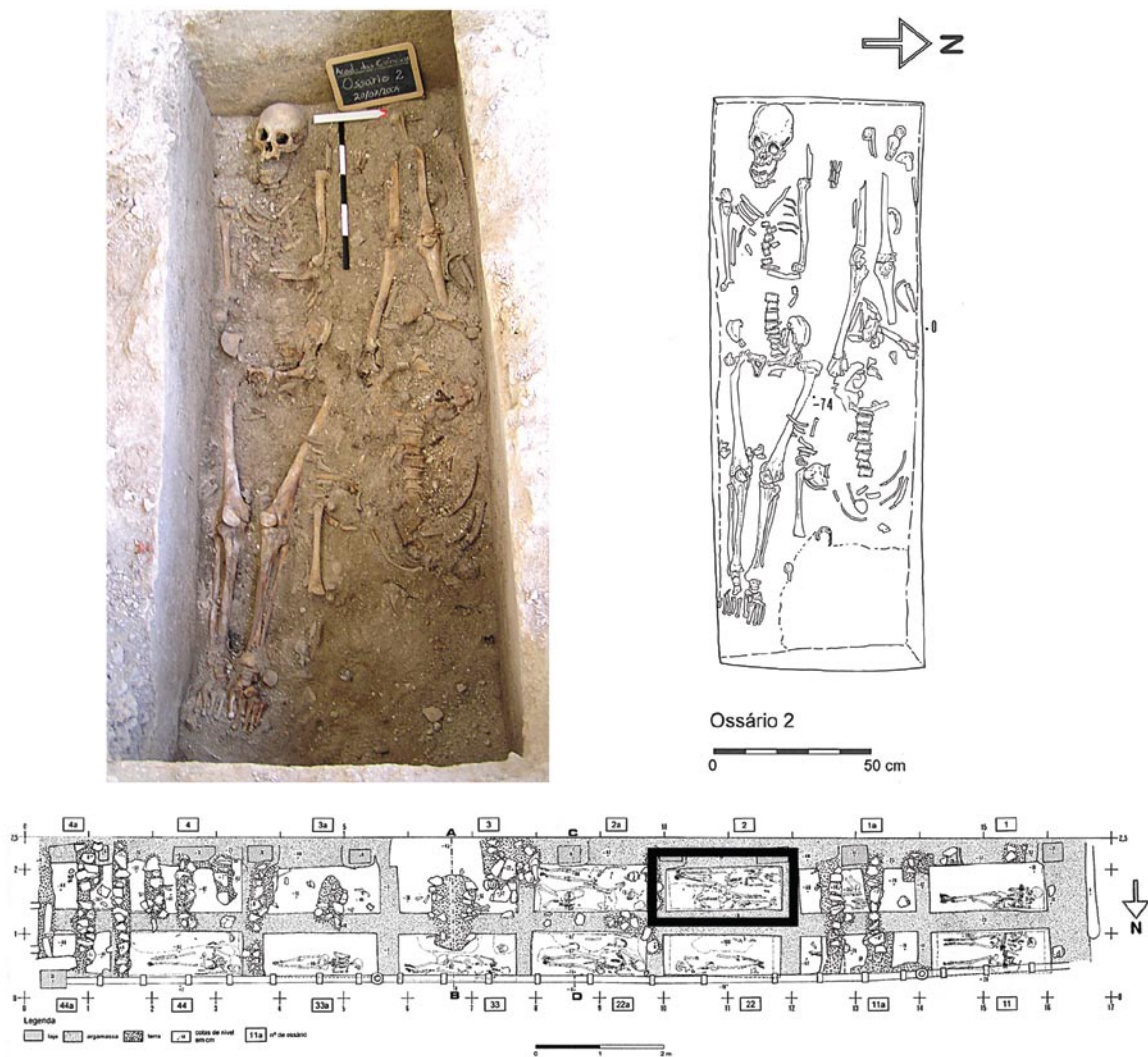


Fig. 13 – Ossário 2: localização na área escavada e respectivo registo gráfico e fotográfico (Foto de J. L. Cardoso).

## 4 – ESPÓLIOS ANTROPOLÓGICOS E ARQUEOLÓGICOS E SEU SIGNIFICADO

### 4.1 – Espólios da Camada 1

No que respeita ao espólio recolhido na Camada 1, sobressai o material humano, que, em sintonia com o modo anárquico como se distribuída no interior da referida camada, se revelou muito heterogéneo quanto a nível etário, sexo e raça (CATÁLOGO, 2016). Ao contrário do que seria de esperar em indivíduos resultantes de uma redeposição funerária, com assinalável concentração em indivíduos jovens e adultos-senis, a distribuição por idades é compatível com um acontecimento súbito, tendo vitimado por igual todos os habitantes. É o que indica, aparentemente o importante contributo de indivíduos adultos não senis (dada a escassez dos dados antropológicos publicados), ao contrário do padrão demográfico esperável numa necrópole.

Quanto ao Número Mínimo de Indivíduos recuperados nas escavações, referem-se cerca de 215 indivíduos, com base nos restos mandibulares (ANTUNES, 2006-2007 a, p. 228), muito superior à estimativa feita com base nos dentes isolados identificados (PEREIRA & ANTUNES, 2006-2007).

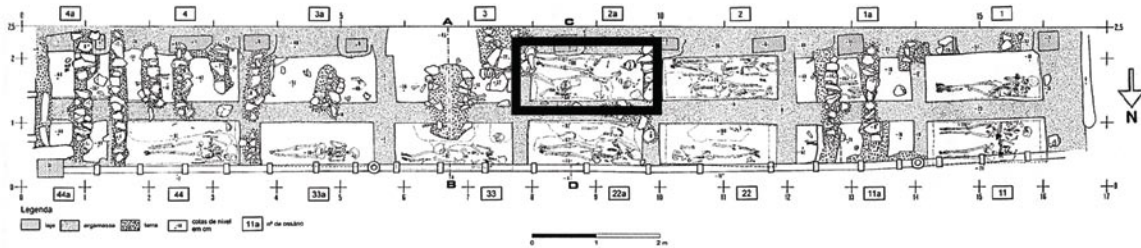
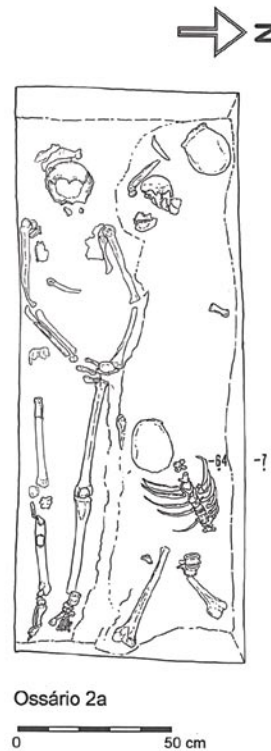


Fig. 14 – Ossário 2a: localização na área escavada e respectivo registo gráfico e fotográfico (Foto de J. L. Cardoso).

Sendo certo que na ala sul apenas cerca de um quarto da mesma foi explorada, e tendo presente que o depósito ossífero, por uma pequena sondagem efectuada também se conserva na ala nascente, e aceitando em cerca de 215 o NMI identificados na área escavada, conforme é preconizado (ANTUNES, 2006-2007 a), é provável que esse número possa variar, no total do claustro, entre 1000 e 2000 indivíduos; as alas norte e poente não foram utilizadas para tal finalidade, como indica a conservação das lajes de calcários dolomíticos numeradas originais.

Seja como for, estes números excedem de longe o número das vítimas registadas da área próxima do convento de Jesus por Francisco Pereira de Sousa (SOUSA, 1928), como adiante se verá. Assim, tal contingente de vítimas só pode ser explicado pelo acarreo de uma vasta área de vítimas do terramoto nas semanas e meses seguintes à catástrofe, quando os restos se encontravam já esqueletizados. Esta realidade é, contudo, compatível com as orientações vigentes na época, de dar sepultura em campo santo aos habitantes da cidade, devendo o elevado número de resto ter resultado da recolha em uma vasta área da cidade, sem prejuízo de outros recintos sacralizados poderem ter recebido outros restos, dos quais, contudo, não se conhecem quaisquer registos.

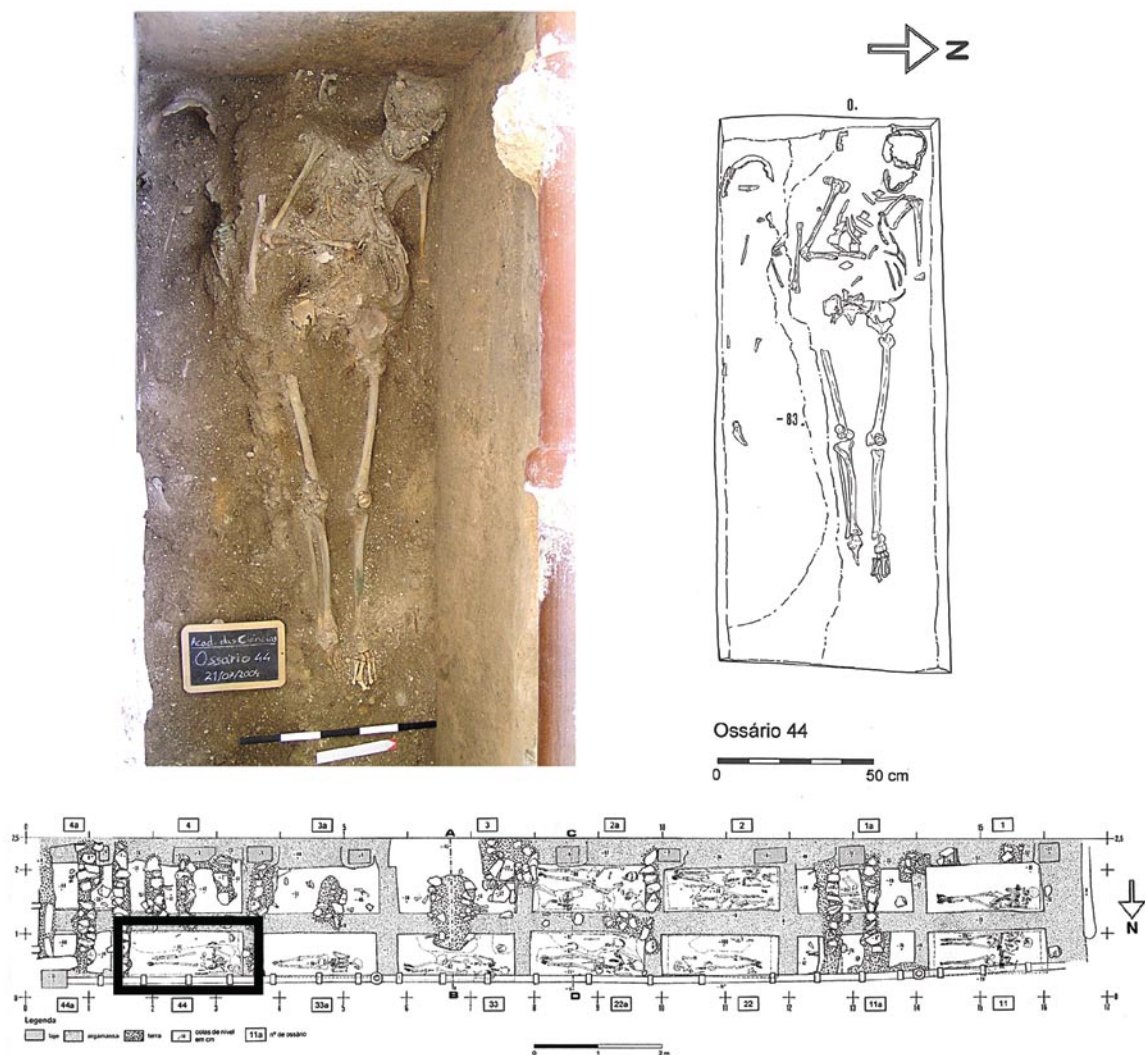


Fig. 15 – Ossário 44: localização na área escavada e respectivo registo gráfico e fotográfico (Foto de J. L. Cardoso).

Dois crânios correspondem a indivíduos negróides, com mais de 50 anos, um deles do sexo feminino (CATÁLOGO, 2016), com paralelo nas duas escravas negras de que há notícia entre as vítimas do terramoto (SOUSA, 1928), embora obviamente não possam ser confundidas com estas, que mereceram sepultura (Fig. 24).

Também se identificaram numerosas anomalias patológicas, devidamente caracterizadas na exposição patente ao público no local, em 2016, das quais cabe destacar um outro crânio, provavelmente de indivíduo feminino e igualmente com mais de 50 anos, igualmente compatível com negróide, ostentando lesões atribuíveis a sífilis, na zona do frontal e da glabella (Fig. 25). Enfim, ou outro crânio possui lesões na tábua interna craniana compatíveis com osteomielite (CATÁLOGO, 2016).

Outro tipo de marcas correspondem a episódios *peri-mortem* ou já *post-mortem*. Trata-se de marcas de estalamento das caixas cranianas, por vezes assumindo proporções espectaculares (Fig. 26), acompanhadas pela sua deformação e modificação das paredes ósseas, com alteração da cor, com a existência de manchas acastanhadas. A explicação mais evidente para tais situações é a do calor, em resultado dos incêndios que sobrevieram ao terramoto. Tais incêndios, materializados na área escavada pela recolha de abundantes restos de madeiras carbonizadas (Fig. 27), foram acompanhados pela queda de blocos e de traves dos edifícios, que

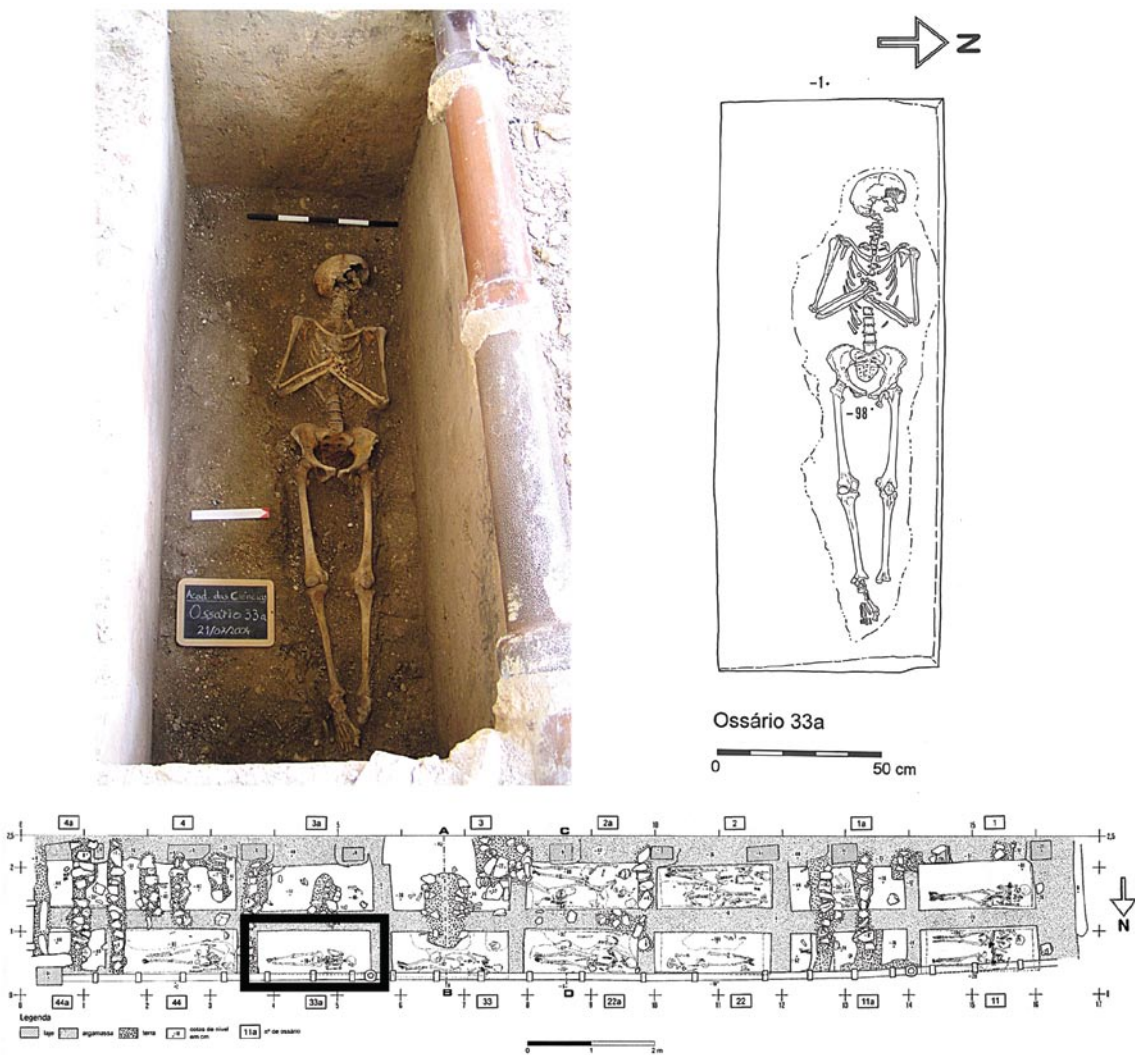


Fig. 16 – Ossário 33 a: localização na área escavada e respectivo registo gráfico e fotográfico (Foto de J. L. Cardoso).

estariam na origem das referidas manchas acastanhadas, devidas a contusões por impacto, ou simplesmente ao calor. Uma calote craniana de criança, de idade entre 3 e 6 anos, exhibe, na zona frontal direita traumatismo *peri-mortem* devido a impacto de pequena pedra pontiaguda (*causa mortis*) (ANTUNES, 2006-2207 a) (Fig. 28).

Desta forma, é lícito associar a realidade objectivamente observada, à catástrofe, com os incêndios sobrevenientes, que afectaram restos mortais expostos ao calor das chamas, bem como aos derrubes de edifícios, como os que agora se identificaram.

A realidade descrita é compatível com o próprio modo de formação da camada que contém tais restos, onde os ossos humanos se distribuem de forma anárquica, de mistura com materiais arqueológicos com cronologias compatíveis com a época do cataclismo; há marcas indubitáveis de predação, documentadas pela existência de marcas de caninos em ossos longos, como acima se referiu. Por outro lado, foi possível obter *in situ* peças esqueléticas de coleópteros necrófagos, reforçando a interpretação supra, por corresponderem a organismos que se desenvolvem em corpos expostos, em processo de putrefacção (FIGUEIREDO & RAIMUNDO, 2006-2007), o que explica a existência daquelas marcas. Trata-se de uma importante prova de que, nas semanas, e até meses, depois do grande cataclismo, houve corpos dispersos no seio dos escombros, objecto de predação

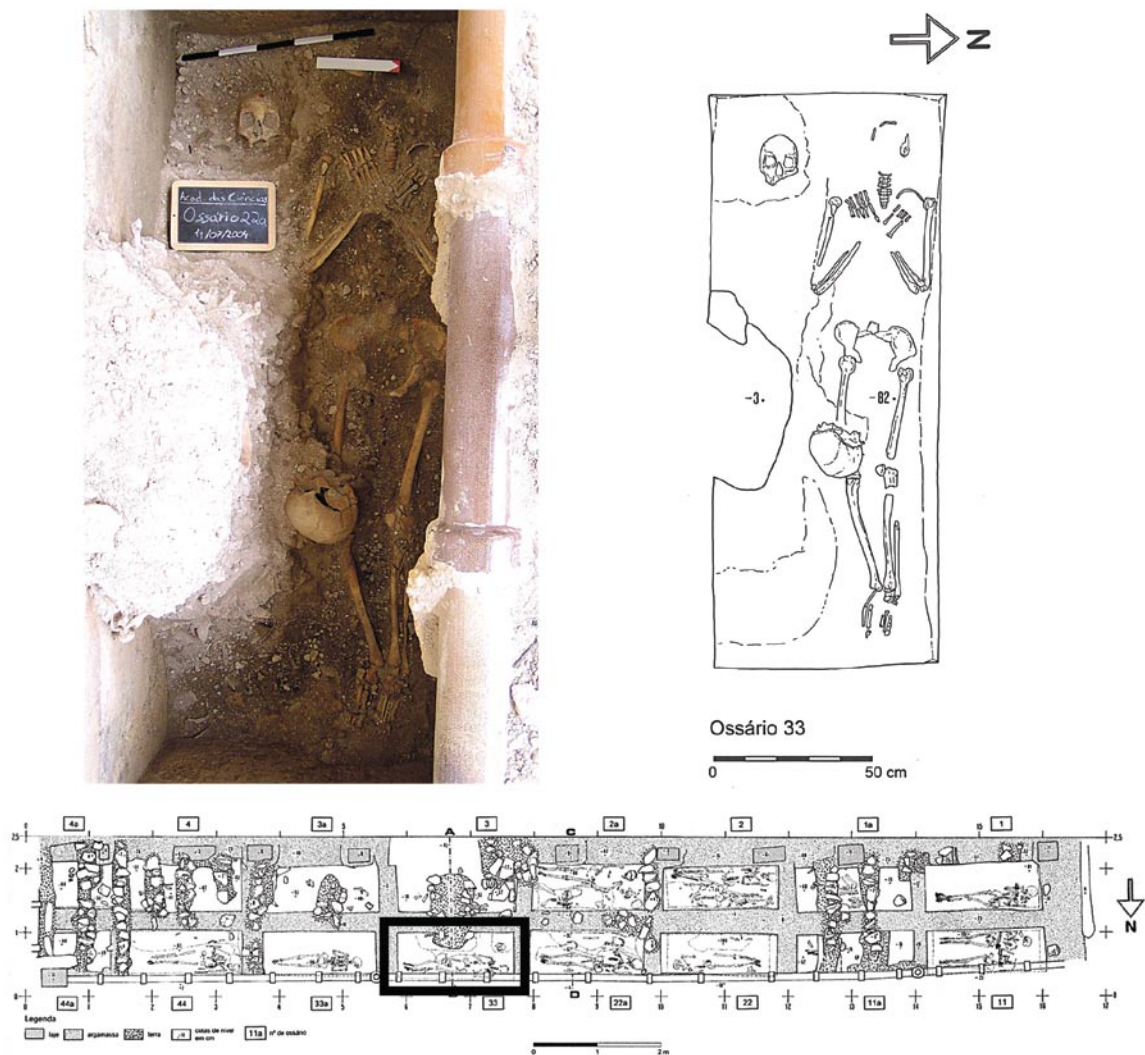


Fig. 17 – Ossário 33: localização na área escavada e respectivo registo gráfico e fotográfico (Foto de J. L. Cardoso).

e até de roubo, não obstante as severas ordens emitidas no sentido da manutenção da ordem na cidade, a qual foi, excepcionalmente, mantida pelo Exército.

As execuções por enforcamento dos criminosos foi frequente, sendo as forcas erguidas em locais de grande visibilidade, para conhecimento e exemplo de todos, conforme se evidencia por gravuras da época, exagerando naturalmente o impacto visual de tais encenações, por forma a conferir ao cenário ainda maior dramatismo (Fig. 29).

As armas de fogo utilizadas, eram pistolas e espingardas, que disparavam balas esféricas de chumbo, de tipologia semelhante, tanto no século XVIII como no século XIX, antes do advento das armas de carregamento pela culatra. Recolheram-se duas dessas balas, de calibre 16 mm e peso unitário aproximado de 20 gramas que podem reportar-se a acções de imposição da ordem subsequentes ao terramoto (Fig. 30), ambas com sinais de impacto, prova de que foram disparadas. Relacionado com um episódio de violência extrema, é um crânio do sexo feminino com idade entre os 35 e os 50 anos, com evidência de impacto de bala na zona frontal. Este crânio, além desta lesão mortal, apresenta uma outra, produzida por instrumento contundente no parietal direito com fractura em bisel da tábua interna e área de depressão com fracturas radiais (ANTUNES, 2006-2207 a) (Fig. 31).

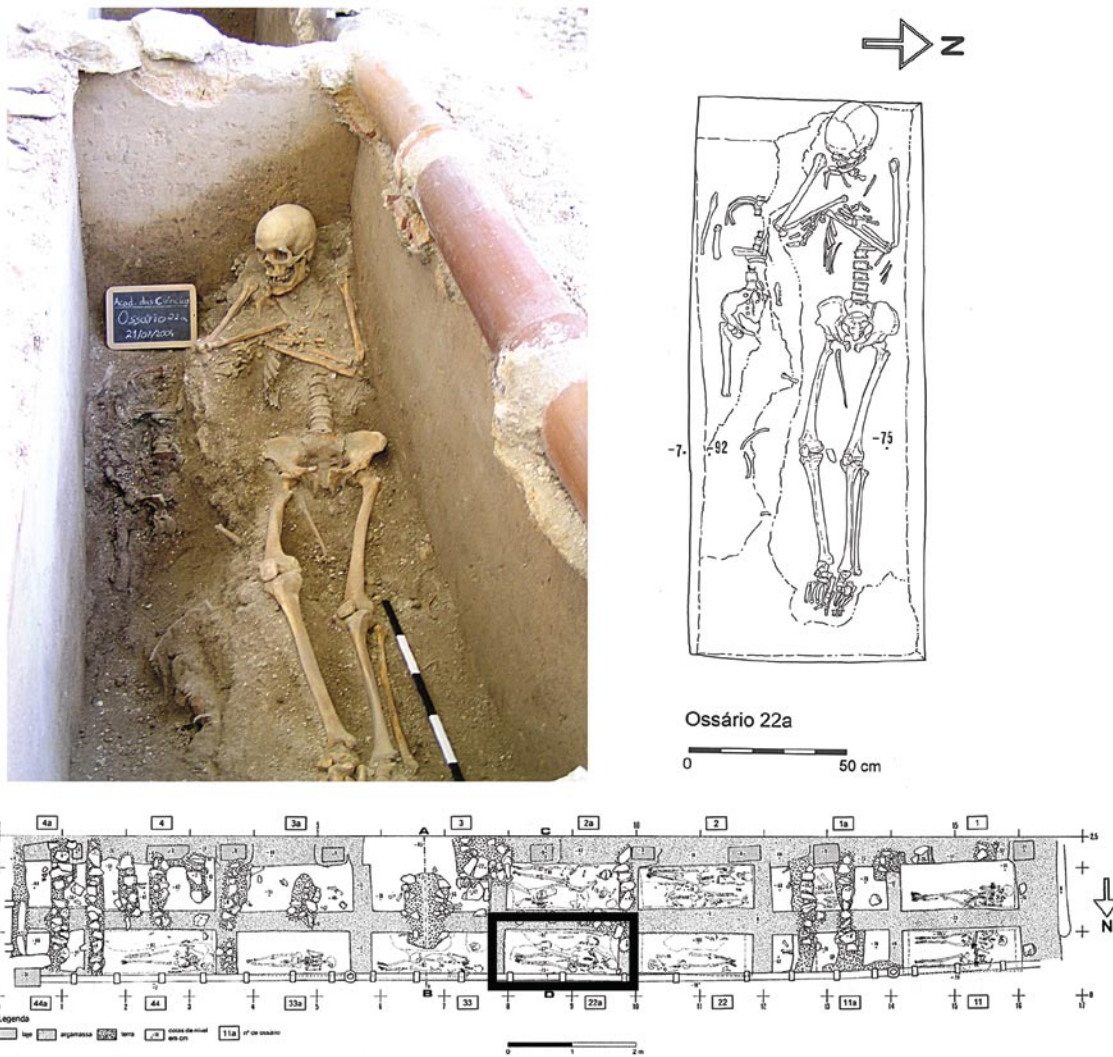


Fig. 18 – Ossário 22 a: localização na área escavada e respectivo registo gráfico e fotográfico (Foto de J. L. Cardoso).

Estas marcas de violência serão necessariamente anteriores às evidentes marcas de fogo, com deformação, estalamento e alteração da coloração dos ossos cranianos, pelo que é lícito admitir situação em que a execução se efectuou ainda no rescaldo dos fogos que consumiram a cidade. Situação de idêntica violência, mas agora praticada por arma branca, talvez sabre, é a observada em outro crânio (Fig. 32), pertencente a adulto com idade compreendida entre 35 e 50 anos, observando-se corte produzido pela lâmina, ulteriormente actuado pelo calor.

Compreende-se que assim tivesse sido: o assassinio seria perfeito se apagada definitivamente a identidade da vítima, sujeitando-a às chamas ou ao brasido que nos dias seguintes ainda consumia os madeiramentos das habitações destruídas.

Estes dois casos atestam o clima de forte insegurança vivido em Lisboa nos dias imediatamente seguintes ao terramoto. Com efeito, a ordem foi restabelecida em duas frentes: por um lado, através do Aviso, passado a 4 de Novembro para o Marquês Estribeiro-mor, providenciando tropas para evitar tumultos e conflitos aquando da venda dos produtos alimentares, nos locais de venda pré-estabelecidos; e, por outro, acautelando a repetição dos roubos, [...] tendo especialíssimo cuidado em Siganos, Castelhanos, e desertores estrangeiros, que consta tem sido os Reos dos sacrílegos roubos, de que fora o escândalo em toda esta Corte. (LISBOA, 1758, p. 70).

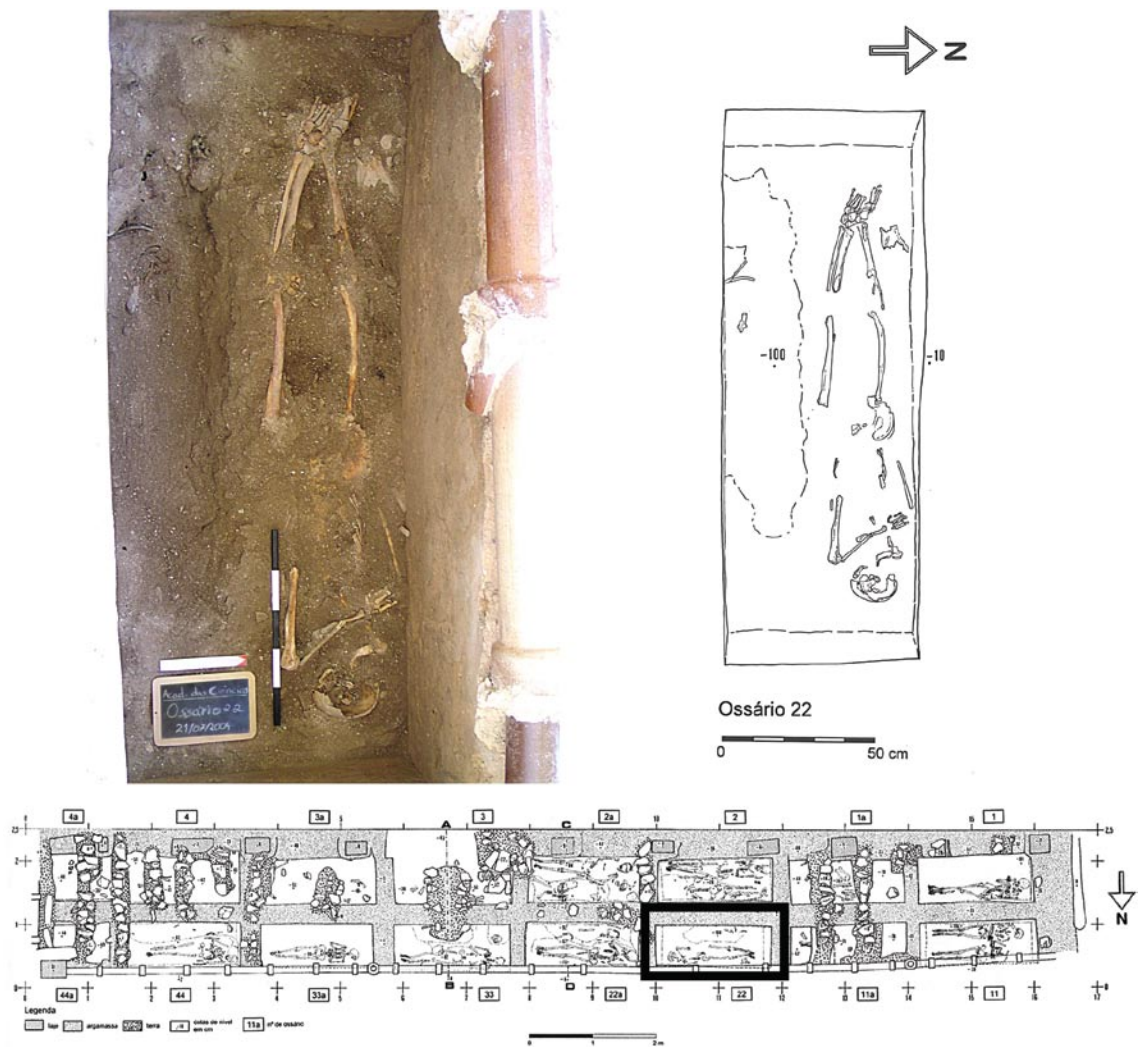


Fig. 19 – Ossário 22: localização na área escavada e respectivo registo gráfico e fotográfico (Foto de J. L. Cardoso).

Naturalmente, aos grupos mencionados haveria de somar os criminosos de delito comum, que aproveitaram o descalabro para ajustes de contas, assassinatos e saques, como os mencionados, talvez obra sobretudo destes e não daqueles, que serviam apenas para se apontarem culpados. Desconhece-se os motivos e as circunstâncias em que estas duas vítimas pereceram, mas o facto de os crânios ostentarem marcas de calor permite concluir que a violência que sobre ambas se abateu foi logo subsequente ao terramoto, quando os fogos ainda lavravam. Importa sublinhar que a insegurança de pessoas e bens foi prontamente combatida com sucesso, de tal forma que, com a chegada de reforços de tropas oriundas de oriundos do Alentejo, de Cascais, de Peniche e de Setúbal, as quais haviam sido logo solicitadas a 2 de Novembro, conforme se indica nas *Providências* (LISBOA, 1758, p. 60), foi a ordem restabelecida em curto espaço de tempo. De tal forma o desempenho da tropa, devidamente enquadrada pelo poder judicial, foi eficaz, que, logo a 14 de Novembro, foi emitido Aviso para que a Companhia de Artilheiros da guarnição da Praça de Cascais retornasse à dita, [...] *para se fazer o serviço da dita Praça mais regular, por se achar ametade do seu Regimento nesta Corte* [...] (LISBOA, 1758, p. 76). Esta medida foi seguida de outra, pelo Aviso de 17 de Novembro, fazendo regressar os soldados a suas casas, por ter chegado o tempo das sementeiras e eles serem lavradores e seareiros,

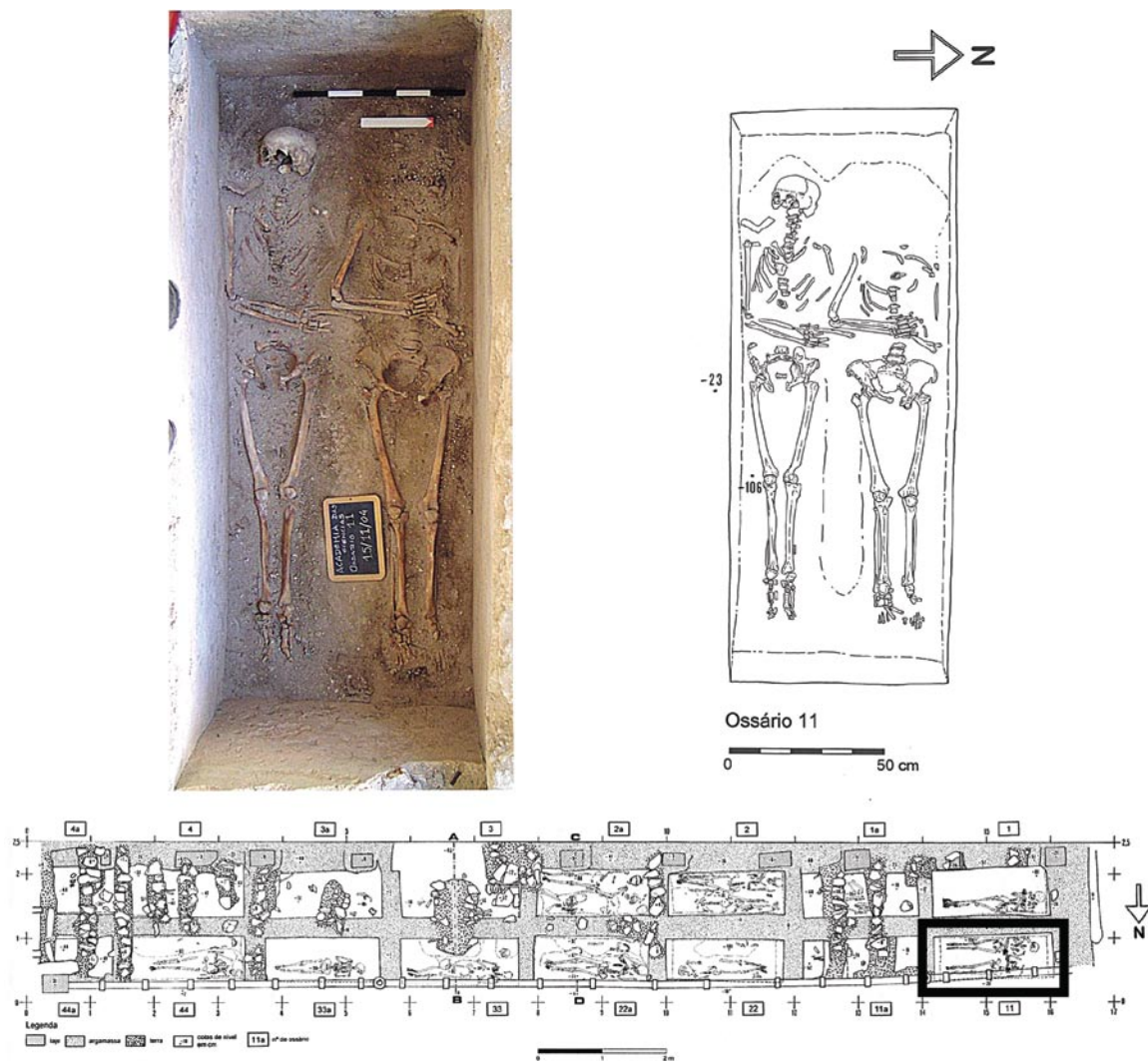


Fig. 20 – Ossário 11: localização na área escavada e respectivo registo gráfico e fotográfico (Foto de J. L. Cardoso).

[...] *que não podem dilatarse nesta Corte sem irreparável prejuízo* (LISBOA, 1758, p. 76). Quinze dias depois da catástrofe, a situação estava perfeitamente controlada e a normalidade voltava ao quotidiano da cidade.

Associados aos restos humanos descritos, outros há que evidenciam os seus hábitos quotidianos: é o caso de um fragmento mandibular, com marcas de alteração produzidas pelo uso do cachimbo (CATÁLOGO, 2016); com efeito, ao tempo, era generalizada a prática de fumar (Fig. 33), como atestam os fragmentos de cachimbos recolhidos nestas escavações (Fig. 34). A maioria é de caulino, importados de Inglaterra ou da Holanda; a pequenez dos fragmentos impede conclusões seguras. Há, contudo um fragmento com arranque de forninho com as iniciais I – P produzidas com carimbo em ambos os lados do pedúnculo que corresponde a uma bem conhecida marca de cachimbos ingleses de Bristol, onde, entre finais do século XVII e meados do século seguinte se encontram atestados nove fabricantes que utilizaram estas iniciais, entre eles Jacob Prosser, John Prosser e John Poyte. As produções holandesas estão representadas por um fragmento provavelmente seiscentista, evidenciando uma típica estampilha em flor-de-lis sobre a haste. Esta marca encontra-se identificada em Lisboa nas escavações efectuadas aquando da construção do parque de estacionamento subterrâneo da Praça Luís de Camões, onde se situava o antigo palácio dos Marqueses de Marialva. Outras duas hastes de

cachimbos holandeses ostentam decorações geométricas de bandas transversais impressas com paralelos em exemplares provenientes de contextos relacionados com o terramoto no Castelo de São Jorge.

Enfim, recolheu-se um exemplar de cerâmica vermelha fina, de fabrico provavelmente de Lisboa, conservando parte da boquilha, que corresponde a uma cópia dos exemplares importados. Este exemplar tem igualmente diversos paralelos em outros sítios escavados da cidade de Lisboa, não possuindo paralelo em produções holandesas ou inglesas, apenas ocorrendo em áreas de colonização portuguesa (Brasil, África).

Outros restos documentam actividades artesanais: é o caso de diversas placas de osso, perfuradas circularmente, para a extracção de rodela aproveitadas para o fabrico de botões, de que se conservam alguns exemplares (Fig. 35). É provável que este conjunto tenha provindo de uma pequena unidade artesanal derruída pelo terramoto, e de onde provieram também restos de vítimas, inadvertidamente misturados com tais artefactos.

Os costumes e comportamentos espelham-se também em insuspeitadas descobertas: é o caso de resto de macaco, um cercopitecideo africano, talvez capturado na Guiné, representado pelo palato, desprovido de dentes (ANTUNES, 2006-2007 b), configurando relações com aquele continente, onde teria sido capturado. A valorização do exotismo como elemento estruturante da cultura urbana de uma grande metrópole oceânica como Lisboa, encontra-se também expresso em outros indicadores, como pequenos búzios exóticos, os “cauris”, igualmente exóticos, oriundos da costa oriental africana e dali exportados para muitas outras regiões, dado o seu interesse na confecção de ornamentos ou mesmo valor monetário (CALLAPEZ, BALBINO & ANTUNES, 2006-2007).

É esse quotidiano citadino, onde se misturavam comerciantes europeus, escravos e escravas de origem africana e mesmo alguns indivíduos de outras origens – foi identificado por Cristiana Pereira, com base nos estudos dentários, a presença de um índio americano (*in* PEREIRA & ANTUNES, 2006-2007, nota 3) – que se conseguiu reconstituir com base nos espólios de diversa natureza que acompanhavam as vítimas da catástrofe.

Avultam, neste particular, os espólios que forneceram informações acerca da dieta dos habitantes de Lisboa no período imediatamente anterior a 1755. Pode dizer-se que todos os animais domésticos identificados usualmente utilizados na alimentação (também se identificaram restos de cão e de gato), fazem parte da dieta dos tempos presentes, com representação de boi doméstico, cabra, ovelha e suínos (porco doméstico); a ausência da fauna caçada é compatível com o correspondente ambiente urbano. Os restos de galinha são frequentes, denunciando a preferência por ave fácil de criar nos espaços ainda semi-rurais da envolvente e a intensa utilização de ovos, alimento muito procurado pelas classes mais baixas. Os peixes e de moluscos recuperados são expressivos da importância na dieta alimentar da população lisboeta dos recursos aquáticos capturados no estuário e na adjacência oceânica (ANTUNES, 2006-2007 a; CALLAPEZ, BALBINO & ANTUNES, 2006-2007).

Entre os primeiros, além da corvina, da dourada e da raia, espécies comuns no ambiente estuarino adjacente, onde seriam capturadas, é de sublinhar a ocorrência de sável, então considerado o peixe dos pobres, de tal modo era abundante na época da desova, dentro do estuário do Tejo. Os moluscos comestíveis correspondem a ambientes estuarinos e litorais marinhos de diversas características quer quanto à salinidade, ao substrato ou à profundidade em que viviam, sendo de longe a mais abundante o berbigão, seguida do burrié, aquela de fundos estuarinos areno-vascosos, esta de litorais rochosos de maior salinidade. É natural que o berbigão fosse utilizado como ingrediente de diversos pratos, enquanto o burrié fosse comido depois de cozido, tal como hoje ainda acontece.

Outubro de 1755

Joana Fev.  
escr.<sup>a</sup>

Em quatro de Outubro de mil Sete Centos e Sincosenta e cinco faleceu Com os Sacramentos Joana Fevora, preta escrava de Bento Goncalves Forte, morador na Calçada do Combro desta freguesia e casada com Joze da Silva, preto escravo de Affonso Luis, e foi Sepultada nesta Igreja.

P. Cura Antonio Carlos de Oliveyra

M. Delgado  
da Rocha.

Em sete de Outubro de mil Sete Centos e Sincosenta e cinco faleceu Com todos os Sacramentos na Rua do Lambaj desta freguesia Manoel Delgado da Rocha casado com Dona Surana Fevora de Fevora, ficou-lhe dum filho menor, e foi Sepultado na freguesia da Inmaculada desta Cidade.

P. Cura Antonio Carlos de Oliveyra

Maria  
escr.

Em nove de Outubro de mil Sete Centos e Sincosenta e cinco faleceu Com todos os Sacramentos na Rua do Conde desta freguesia Maria, preta escrava de Domingos Goncalves da Silva, e foi sepultada no Cemeterio desta Igreja. era solteira.

P. Cura Antonio Carlos de Oliveyra

Raimundo Manoel da Cunha.  
Testamento

Em dezasete de Outubro de mil Sete Centos e Sincosenta e cinco faleceu Com todos os Sacramentos na Rua da Esperansa desta freguesia Raimundo Manoel da Cunha, Veuro de Dona Anna Maria Fevora, nas l<sup>as</sup> ficaram filhas, fez testamento, e nomeou por Testamenteiro Clemente Louquini Passoro, morador na freguesia de Santos, e foi Sepultado no Convento de Jesus desta freguesia.

P. Cura Antonio Carlos de Oliveyra

João  
escr.

Em dezotto de Outubro de mil Sete Centos e Sincosenta e cinco faleceu só Com o Sacramento da Unção na Rua da Paz desta freguesia João, preto escravo de Manoel das Candeas, e foi Sepultado no cemeterio desta Igreja.

P. Cura Antonio Carlos de Oliveyra

Fig. 21 - Assentos de óbitos da Freguesia de Santa Catarina referentes aos mortos registados no mês de Outubro de 1755 e aos devidos ao terramoto de 1 de Novembro de 1755 (ANTT - Registos Paroquiais) Note-se os diversos locais em que foram enterrados, incluindo o Convento de Jesus, embora não especifique o local no interior do mesmo..

Outubro de 1755

46 26

Em dezanove de Outubro de mil setecentos e cincoenta e cinco faleceu com todos os sacramentos na Póia grande desta freguesia Francisca de Araujo, Veuva de Antonio Sornalves Lamas, e foi sepultada nesta Igreja.

O P. Cura Antonio Carlos de Oliveyra

P. de Ar.

Testamento

Novembro de 1755

Em o primeiro de Novembro de mil setecentos e cincoenta e cinco se sepultou nesta Igreja Luis, preb. e Cravo de Agracio Lopes Figueira, o qual tinha falecido no dia antecedente na Rua da Esperansa em Casa de Seo Senhor Sem Sacramentos.

O P. Cura Antonio Carlos de Oliveyra

Luis  
escr.

Pessoas, q' falecerão no primeiro deste mez de Novembro de mil setecentos e cincoenta e cinco ficando sepultados nas Quinas das Igrejas, e Casas desta Cidade por Causa de um extraordinario Terremoto, q' D.º foi servido ouvirse nesta Corte, pelas nove horas e meia da manhã e teve de duracao Outo minutos.

Maria Laureta, donzela, filha de Manoel dos Santos e de Anna Clara, faleceu na Rua do Conde, onde era moradora.

M.ª Laureta.

Dona Josefa Margarida de Essa, donzela, filha de Dom Antonio Jose de Essa, ja defunto, e de Dona Guitoria Bernarda da Gama, faleceu na Rua do Conde, onde era moradora.

D. Josefa Marg.ª  
De Essa.

Maria da Luz, Veuva de Manso de tal, q' foi Sapateiro, faleceu na Rua do Caldeira.

M.ª da Luz.

O P. Cura Antonio Carlos de Oliveyra



**Fig. 22** – Alinhamentos de blocos perpendiculares à parede da ala sul do claustro, relacionados com o assentamento de barrotes de madeira sobre os quais se construiu o sobrado no final do século XVIII relacionável com o laboratório da Aula Maynense e, ulteriormente, com a instalação do Curso Superior de Letras (Foto de J. L. Cardoso).



**Fig. 23** – Aspecto do chão de alvenaria aparelhada da ala poente do claustro, com lajes numeradas, cuja disposição reflecte a estrutura dos alvéolos subjacentes, semelhantes aos identificados e postos a descoberto na ala sul do claustro (Foto de J. L. Cardoso).



**Fig. 24** – Crânio de negróide, de indivíduo com mais de 50 anos (Foto de J. L. Cardoso).



**Fig. 25** – Crânio de negróide, de indivíduo feminino com mais de 50 anos, ostentando lesões atribuíveis a sífilis na zona do frontal e da glabella (Foto de J. L. Cardoso).



**Fig. 26** – Crânio com marcas de estalamento e escurecimento em resultado do calor desenvolvido durante os incêndios (Foto de J. L. Cardoso).



**Fig. 27** – Fragmentos de madeira carbonizada recolhidos na Camada 1, resultantes dos incêndios generalizados então ocorridos na cidade (Foto de J. L. Cardoso).

A par dos recursos alimentares de origem animal, havia outros, que eram comensais destas comunidades. A pouca higiene, a deficiente rede de esgotos e a falta de pesticidas permitia que grassassem ratos e ratazanas, cujos restos foram encontrados também entre os sedimentos da Camada 1. Outros animais reflectem características ambientais então vigentes na área envolvente do convento: é o caso da cobra-rateira, réptil de assinaláveis dimensões (ANTUNES, 2006-2007 a) que, denunciando indirectamente a presença assinalável daqueles roedores, teria o seu habitat na cerca do convento, de assinaláveis dimensões (Fig. 36).

Contudo, é provável que uma parte dos restos de animais encontrados não tivessem sido consumidos pela população citadina. Alguns teriam perecido na catástrofe, como se conclui da necessidade de providenciar a evacuação dos seus cadáveres, a par dos humanos, como é documentado na compilação das *Providências* relativas à *Providência I Evitar a peste* [...] (LISBOA, 1758, p. 54).

Alguns ossos há que exibem marcas de caninos de cães, indício de que os restos cárnicos associados teriam estado expostos, propiciando o consumo por cães vadios, que abundavam na cidade (Fig. 37). No entanto, tais ossos poderiam ter sido abandonados em uma qualquer montureira, antes do terramoto, e terem sido consumidos secundariamente pelos referidos carnívoros, numa data que pode nada ter a ver com a da catástrofe.

São abundantíssimos os fragmentos de materiais de construção encontrados, incluindo de azulejos do período joanino, indício da rapidez com que se formou o depósito, à custa de entulhos removidos das zonas mais afectadas da cidade, de que não houve tempo de separar convenientemente dos restos humanos a que



**Fig. 28** – Calote craniana de criança, de idade entre 3 e 6 anos exibindo, na zona frontal direita, traumatismo *peri-mortem* devido a impacto de pequena pedra pontiaguda (*causa mortis*) (Foto de J. L. Cardoso).



Fig. 29 – Gravura da época destacando expressivamente os enforcados em resultado de condenação por crimes ocorridos na cidade devastada.

se pretendia dar sepultura (Fig. 38). Esta realidade, objectivamente pelas escavações, tem de ser compaginada com as *Providências* tomadas logo a seguir à catástrofe, preciosa compilação já atrás citada, contendo todas as disposições tomadas pelo Secretário de Estado Sebastião José de Carvalho e Melo, cuja publicação por ele próprio organizada e patrocinada, sob pseudónimo (Amador Patrício de Lisboa), em 1758, em edição sóbria mas muito cuidada e de grande qualidade tipográfica, sem indicação de local de impressão nem de impressor, com a evidente preocupação de quem pretendia manter-se incógnito (Fig. 39).

Impressiona a rapidez, determinação e rigor das medidas tomadas, das quais as mais urgentes se consubstanciavam na *Providência I. Evitar a peste, que ameaçava a corrupção dos cadáveres, sendo inumeráveis, e não havendo vivos para os sepultarem pela precipitada, e geral deserção dos moradores de Lisboa* (LISBOA, 1758). Logo o primeiro Aviso emitido ainda no próprio dia da catástrofe pelo Secretário de Estado Carvalho e Melo para o Marquês Estrebeiro-mor, relacionava-se com a sepultura a dar ao corpo do embaixador de Espanha, morto *nas ruínas de suas casas*, que se situavam próximo do Convento de Jesus, e que foi realizada prontamente no também vizinho convento de São Bento da Saúde.

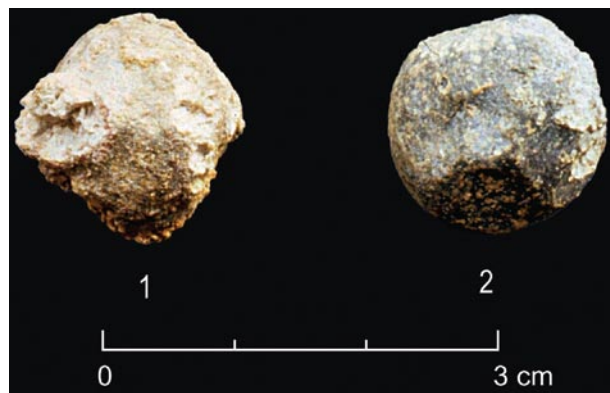


Fig. 30 – Duas balas de chumbo, pertencentes a pistolas ou espingardas, uma delas com marcas de impacto, recolhidas na Camada 1 e relacionáveis com episódios de violência ocorridos na cidade imediatamente após o terramoto (Foto de J. L. Cardoso).



**Fig. 31** – Crânio do sexo feminino com idade entre 35 e 50 anos, com evidência de impacto de bala na zona frontal e posteriormente deformado pelo calor desenvolvido pelos incêndios (Foto de J. L. Cardoso).



**Fig. 32** – Crânio de adulto, com idade entre 35 e 50 anos, ostentando corte na área frontal, produzido por arma branca e posteriormente escurecido pelo calor resultante dos incêndios (Foto de J. L. Cardoso).

Logo no dia seguinte ao do terramoto, foram emitidas ordens para que se providenciasse o desentulho das casas, [...] *de sorte que dellas se possam extrahir os cadáveres para se sepultarem, antes que a sua corrupção em toda a Cidade produza outra calamidade igual à que pela Misericordia Divina parece estar suspensa.* [...], mesmo que tal contributo tivesse de ser obtido pela coacção da própria população.. Estava-se, ainda a 2 de Novembro, e já se providenciavam medidas concretas para a remoção dos cadáveres dos escombros e a imposição da Ordem, discutindo-se já a forma como os mesmos poderiam ser descartados em massa. Além da hipótese de se efectuarem *fossos de grande altura* longe da cidade, logo outra surgiu, para a qual foi pedida a opinião do Cardeal Patriarca de Lisboa, cuja concordância foi recebida nesse mesmo dia: a de os corpos serem levados para fora da barra, onde se efectuaria o seu despejo nas águas, à maneira dos funerais feitos a bordo. Porém, esta alternativa não teve seguimento, pois, logo no dia imediato (3 de Novembro), em novo aviso emitido pelo Secretário de Estado Carvalho e Melo para aquele dignitário, lhe é ordenado que o mesmo exorte os párocos da cidade e subúrbios para que persuadam os paroquianos a darem sepultura aos seus mortos. Parece que as dificuldades na satisfação de esta urgente medida, e que estão na origem de novo aviso, datado de 5 de Novembro, não decorriam apenas da deserção da população da cidade; era também problemática a identificação dos locais mais apropriados a tal finalidade, até porque os incêndios ainda progrediam naquela data.

A reserva dos particulares a prestarem de boa vontade o seu contributo a este desiderato justificou Portaria datada de 7 de Novembro, conferindo poderes ao Juizes do Povo para procederem com voz de prisão contra quem não acatasse as ordens. O último documento compilado no Âmbito desta Primeira Providência é datado já de 8 de Maio de 1756 e corresponde a Aviso emitido para o Duque Regedor (Duque de Lafões, Presidente do Senado da Câmara de Lisboa), na sequência de trabalhos por este coordenados em vários locais da cidade, no sentido de [...] *mandar continuar na diligencia dos desentulhos nos lugares, que achar conveniente;* foram-lhe



**Fig. 33** – Pormenor de painel de azulejos cerca de 1770 com fumador de cachimbo de caulino, semelhante aos recolhidos nas escavações. Lisboa, Palácio Ceia, sede da Universidade Aberta (Foto de J. L. Cardoso).

dados então plenos poderes para intervir, não apenas nos locais até então intervencionados, mas em quaisquer outros que requeressem tais trabalhos.

Este último documento compilado no âmbito da *Providência I Evitar a peste* (LISBOA, 1758), é de grande interesse, por vir comprovar que tais trabalhos prosseguiam ainda, mais de seis meses depois da catástrofe, confirmando os resultados das escavações realizadas em 2004, especialmente no que se refere ao estado dos restos humanos então recuperados.

Com efeito, este depósito funerário pelas evidências recolhidas, formou-se em curto espaço de tempo, procurando dar sepultura a vítimas não identificadas, retiradas dos escombros, nas semanas ou mesmo meses após a tragédia. Não se trata de enterramentos primários: os cadáveres estariam esqueletizados quando os restos ósseos foram deslocados, o que explica o estado de dissociação observado. Tal não impede que, em parte favorecido pelo calor generalizado gerado pelos incêndios, se tivessem conservado porções dos tecidos moles, ressequidos ou mumificados, aderentes aos ossos, os quais poderão ter sido alvo de sumária limpeza, por lâmina de ferro, cujas marcas parecem corresponder às observadas anteriormente nas superfícies dos ossos (ALMEIDA, 2006-2007).

O livro das *Providências*, no que respeita à *Providência II Evitar a fome* (LISBOA, 1758), é muito claro no tocante às medidas que o Secretário de Estado Sebastião José de Carvalho e Melo prontamente adoptou, logo no dia 2 de Novembro e seguintes, em várias frentes, no sentido de providenciar o abastecimento de víveres da cidade, o qual era muito favorecido dada a sua posição ribeirinha. Com efeito, tal posição permitia a um tempo abastecimento através do Tejo, tanto do Ribatejo, como do Alentejo, por embarcações, como de facto se verificou, mas também por via terrestre, providenciando a chegada de produtos variados dos arredores da cidade os quais seriam vendidos nas duas praças principais, a do Terreiro do Paço e a da Ribeira, e também no Rossio, aos preços praticados no mês de Outubro, combatendo assim a especulação oportunista. Tais medidas foram complementadas pela procura de depósitos de cereais que ainda se tivessem conservado na cidade,



**Fig. 34** – Fragmentos de cachimbos recolhidos nas escavações. 1 – cachimbo de barro vermelho comum, de produção local ou regional, correspondendo a imitação de modelos importados de caulino; 2 – cachimbo inglês com marca estampada no pedúnculo IP, produção de Bristol, de finais de seiscentos a meados de setecentos; 3 – exemplar inglês, com haste decorada e idêntica cronologia; 4 – exemplar de fabrico holandês, ostentando uma flor-de-lis estampilhada, do século XVII. Classificações do Mestre João Pimenta, a quem se agradece (Foto de J. L. Cardoso).

pela descarga de mantimentos de navios que não fossem essenciais às tripulações e ainda pela ordem de os moleiros permanecerem na cidade para a produção de farinha.

É, naturalmente, desconhecida, a identidade das vítimas cujos restos foram recolhidos no claustro do convento. Francisco Pereira de Sousa (SOUSA, 1928, nota infrapaginal entre p. 666 e 667, transcrevendo o Livro do registo dos óbitos, que em 1928 se achava na sede da Freguesia, situada no convento dos Paulistas), dá uma relação completa dos nomes das vítimas de 1 de Novembro de 1755 da freguesia de Santa Catarina, bem como o seu estatuto social, elencando

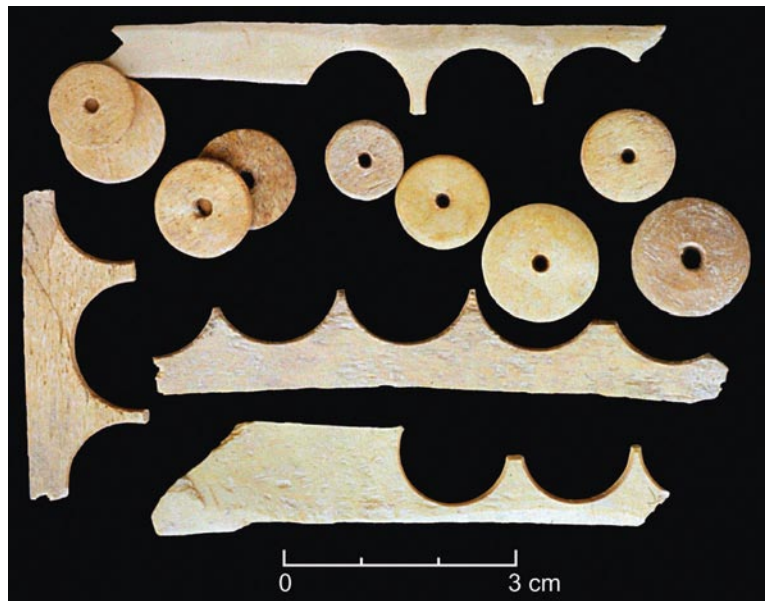


Fig. 35 – Placas de osso recortadas em resultado da extracção de rodelas para a produção de botões, denunciando uma oficina na área destruída da cidade, de onde provieram (Foto de J. L. Cardoso).



Fig. 36 – O Convento de Jesus e respectiva Cerca, indicados com o n.º 1 no *Grande Panorama de Lisboa* em azulejo. Atribuído a Gabriel del Barco, c. 1700 (Museu Nacional do Azulejo).

a morte de 22 mulheres e de 16 homens, entre as quais as duas escravas pretas já acima referidas. É interessante referir que algumas das vítimas foram sepultadas no Convento de Jesus, onde pelo menos duas delas ali pereceram. Pouco tempo depois, na igreja do mesmo convento, mais vinte e uma pessoas pereceram, sendo dois homens e dezanove mulheres (SOUSA, 1928, p. 668, citando J. Baptista de Castro), a 20 de Janeiro de 1756, quando o tecto da igreja, já muito fragilizado, acabou por ruir, no decurso de uma missa.

Naturalmente que nenhum dos episódios referidos produziram quaisquer das vítimas que correspondem aos restos exumados nas escavações, visto que àquelas, cujos corpos foi possível retirar dos escombros, foi dada sepultura conhecida, a maioria delas no próprio Convento de Jesus conforme é referido por Pereira de Sousa.

Os ossos humanos que integram o depósito em apreço são acompanhados de abundantes restos de materiais de construção, como fragmentos de tijolos e de telhas de canudo, a par de azulejos azuis e brancos da primeira metade do século XVIII, alguns deles figurativos, já atrás referidos, testemunho do colapso deste tipo de revestimentos – mesmo verificado no convento de Jesus – que abundavam em casas particulares ou religiosas. Ocorreram também fragmentos de azulejos de coloração azul, destinados a forrar paredes com a conhecida técnica do enxaquetado, atribuíveis aos finais do século XVI - 1.<sup>a</sup> metade do século XVII, oriundos certamente de edifícios derruídos de outros locais da cidade. Tal realidade evidencia a forma com que os ossos foram removidos dos escombros, misturados com todo o tipo de entulhos, onde abundavam inúmeros restos de carvão (SOUSA *et al.*, 2006-2007), testemunhos dos incêndios que se generalizaram à cidade, formando depósito caótico (CARDOSO, 2006-2007).

Nele também ocorriam artefactos do quotidiano que se encontravam em uso aquando da catástrofe, representados por abundantes fragmentos de faianças portuguesas compatíveis com a referida cronologia, do século XVII - 1.<sup>a</sup> metade do século XVIII, correspondentes a motivos bem conhecidos da época, aplicados a pratos e a outros recipientes de uso comum: trata-se dos padrões a azul cobalto e manganês, designados por “pérolas”, “faixa barroca” e “aranhões”, entre outros (Fig. 40).

Recolheram-se, nesta camada, outros objectos que merecem desde já ser destacados, como as moedas (ANTUNES, 2006-2007 c). Foram recolhidos quatro exemplares de D. João V: dois vinténs de prata, muito circulados, cunhados entre 1723 e 1736; e dois numismas de 5 réis, de cobre, com forte alteração cloretada à superfície, a qual foi atribuída à acção das águas salgadas do tsunami subsequente ao terramoto (ANTUNES & PAIS, 2006-2007). Cabe sublinhar, neste contexto, a absoluta ausência de numismas de D. José. Uma das explicações aceitáveis é o cuidado com que se triaram as terras depois depositadas no claustro, com a recolha quase total dos numismas que se encontrassem ainda no seio dos escombros. Com efeito, os numismas mais



Fig. 37 – Restos ósseos com marcas de caninos de cão, indicio do respectivo consumo secundário (Foto de J. L. Cardoso).

antigos podem relacionar-se com as dádivas que acompanharam os inumados anteriormente no claustro (óbulo a Caronte), pois nem sempre era evidente o contacto com as duas camadas em presença

Não deixa de ser interessante a presença de numismas mais modernos do que a época em que esta camada se depositou no claustro, provavelmente no decurso de 1756, o que contraria as evidências indicadas pelas próprias características dos depósitos, que sugerem, como atrás se indicou, uma deposição rápida e de uma única vez. Por outro lado, não é aceitável a hipótese segundo a qual, até ao último quartel do século XVIII ou mesmo inícios do século XIX, se tivessem continuado a remover restos de vítimas dos escombros, para ali serem depositadas. Como interpretar, então, os dois numismas de 5 réis, um de

D. Maria I, de 1778 e o outro de D. João, Príncipe Regente, de 1813, que se recolheram provavelmente na parte superior do depósito mortuário das vítimas do terramoto, a par de um meio *penny* de George III cunhado para a Irlanda, provavelmente em 1776 (?). Crê-se que a explicação mais provável é terem esses numismas sido perdidos acidentalmente aquando da colocação do sobrado sobre o depósito ossífero, no final do século XVIII, relacionado com a instalação da Aula e do Museu Maynense naquele local, ou no decurso da utilização daquele espaço, onde circularia número assinalável de pessoas. É sabido que a frinças existentes entre as tábuas do soalho permitiam que aquelas moedas atingissem o depósito arqueológico.

Trata-se, afinal, de situação semelhante à que explica o achado, no mesmo local, dos já mencionados 5 réis de D. Luís I, de 1885, pequeno numisma que certamente se perdeu quando o referido espaço se encontrava já ocupado pelo Curso Superior de Letras, fundado em 1858 por D. Pedro V e desde logo instalado no piso térreo, incluindo o claustro do Convento de Jesus. Obras posteriores, cerca de 1885, realizadas naquele estabelecimento de ensino superior, explicam a presença de um fragmento de azulejo neo-hispano-árabe, da Fábrica de Rafael Bordalo Pinheiro, nas Caldas da Rainha, dos finais do século XIX (Fig. 38, n.º 1), e sobretudo de instrumentos de laboratório, como um fragmento de cadinho com incrustações de sulfureto de cádmio, utilizado como pigmento, ou um cilindro utilizado como pilão de almofariz (Fig. 41).

#### 4.2 – Espólios da Camada 2

A Camada 2 corresponde ao enchimento da parte inferior dos alvéolos funerários onde se procedeu à tumulação normal de cadáveres em posição de decúbito dorsal. O facto de todos eles apresentarem os braços cruzados sobre o peito, sugere tratar-se essencialmente de frades da Ordem Terceira de São Francisco, conclusão reforçada pela natureza dos objectos encontrados em associação com as inumações.



**Fig. 38** – Fragmentos de azulejos resultantes do colapso dos revestimentos onde os mesmos se integravam, do século XVII (n.º 4), da 1.ª metade do século XVIII (3 e 4) e do final do século XIX (n.º 1), da Fábrica de Rafael Bordalo Pinheiro, nas Caldas da Rainha, relacionado com obras feitas naquela época (Foto de J. L. Cardoso).

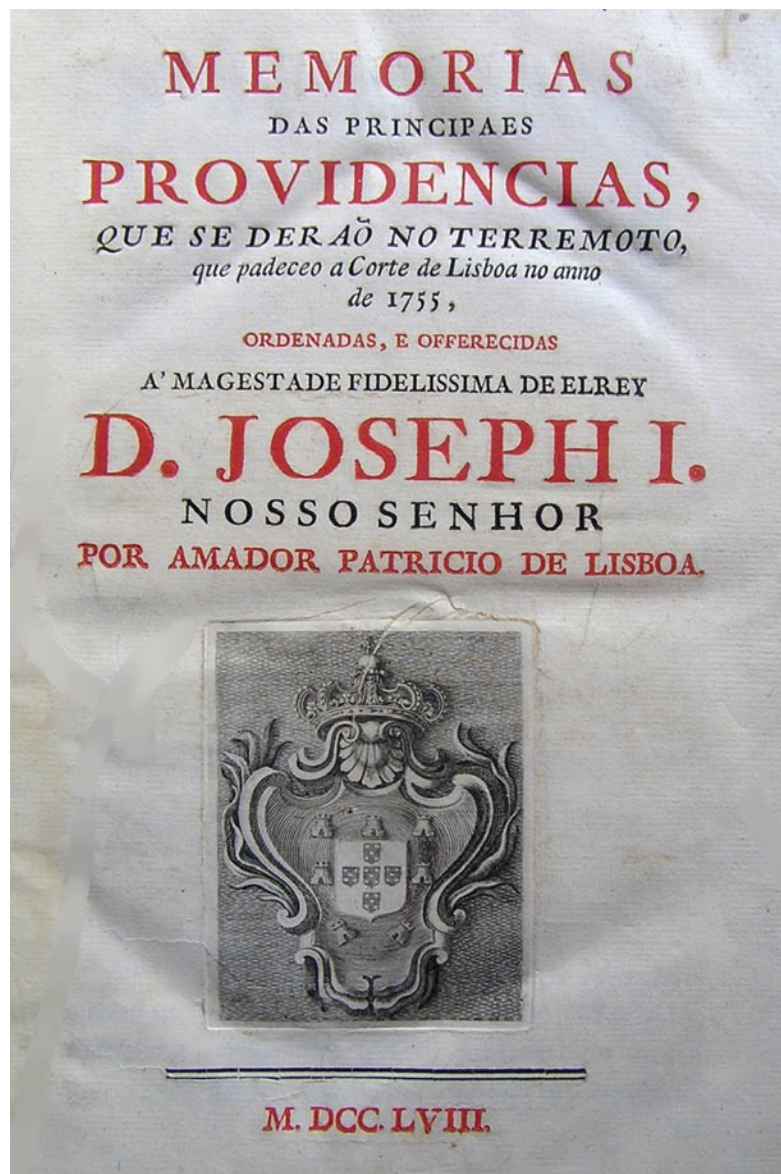


Fig. 39 – Folha de rosto das *Memorias das principaes providencias...*, cujo autor e organizador foi o próprio Marquês de Pombal, publicadas sob pseudónimo e sem local de impressão, em 1758 (Arquivo e foto de J. L. Cardoso).

Não está esclarecido se os habitantes das vizinhanças, que também em parte eram sepultados no convento, conforme se encontra documentado por registos coevos, se misturariam com as sepulturas dos religiosos, nesta ala do claustro. Os enterramentos destes teriam começado logo após a inauguração do convento a 24 de Fevereiro de 1623, com a celebração da primeira missa, e continuado até aos dias subsequentes à catástrofe, como comprovam os registos conservados.

Ao nível dos espólios arqueológicos exumados, é notório o contraste entre os materiais recolhidos na Camada 1 e na Camada 2, correspondendo estes exclusivamente aos adereços e objectos de indumentária ou outros, que acompanhavam as tumulações dos corpos. Assim, recolheram-se solas de sapatos ou de sandálias (Fig. 42), que calçavam os inumados; contas de rosário e braços de cruzes articuladas, a eles associadas,

de osso ou marfim torneado (Fig. 43); contas de pasta vítrea, de cerâmica, âmbar e cornalina, que também poderiam integrar rosários, a par de uma cruz de madeira com embutidos de madrepérola, ligada por cordão a contas igualmente de madeira, constituindo rosário, provavelmente pertencente a hábito de franciscano (Fig. 44); inúmeras medalhas religiosas (*verónicas*) e crucifixos de suspensão dos séculos XVII e XVIII (Fig. 45), cujo estudo detalhado foi já apresentado (LOURENÇO, 2006-2007); colchetes, relacionados com vestes talaras, fivelas metálicas, nalguns casos coladas a porções de tecidos que, pela via da oxidação daquelas peças se conservaram, botões de punho e, enfim, inúmeros alfinetes relacionados com o amortalhamento dos corpos (Fig. 46), bem como taxas e pregaria de cobre que revestiria o interior dos ataúdes de madeira, que existiriam para as personagens de maior vulto, completam o conjunto dos achados mais notáveis ou abundantes, a que se associa um real e meio de D. João IV, cunhado entre 1645 e 1656 (ANTUNES, 2006-2007 c), cuja finalidade fora já anteriormente discutida.

## 5 - CONCLUSÃO

A intervenção arqueológica efectuada no claustro do antigo Convento de Jesus, sede provincial da Ordem Terceira de S. Francisco, actual edifício onde se encontra instalada a Academia das Ciências de Lisboa, teve início em uma acção preventiva, destinada a registar e recolher, nas melhores condições, os testemunhos que, ocasionalmente, se vieram a evidenciar no decurso das obras de beneficiação, com substituição dos pavimentos nas alas sul e oriental do claustro do conjunto edificado, a cargo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Ao longo dos quase seis meses que durou a intervenção de campo, na segunda metade

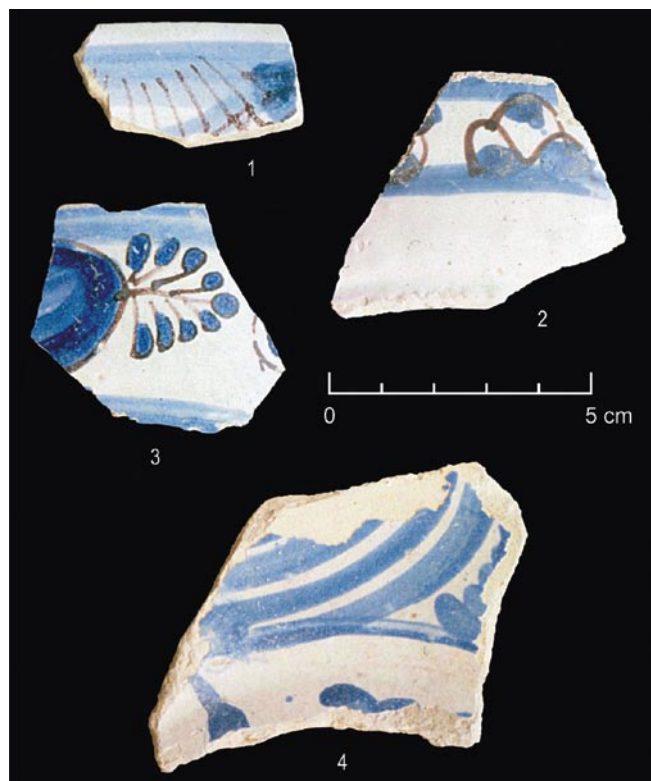


Fig. 40 – Fragmentos de recipientes de faiança portuguesa da segunda metade do século XVII e da primeira metade do século XVIII, que estavam em uso quotidiano aquando do terramoto (Foto de J. L. Cardoso).



Fig. 41 – Fragmento de cadinho com restos de sulfureto de cádmio (pigmento corante) e porção de mão de almofariz, recolhidos na parte superior da Camada 1 e relacionados com a instalação do laboratório da Aula Maynense (Foto de J. L. Cardoso).

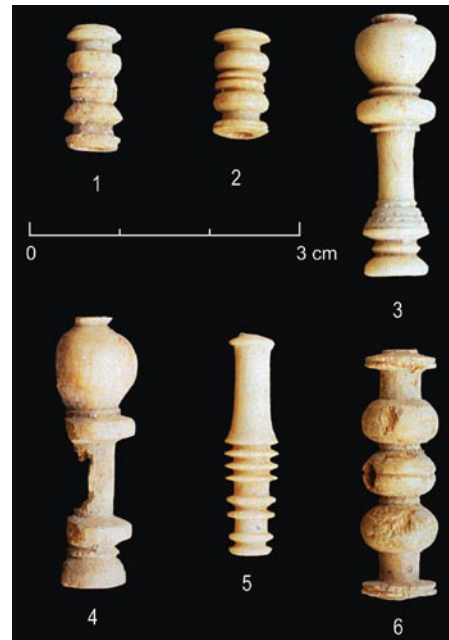


**Fig. 42** – Sola de sandália de frade franciscano, pertencente a um dos muito inumados em decúbito dorsal que se mantiveram *in situ* (Foto de J. L. Cardoso).

do ano de 2004, foi possível identificar uma parte da necrópole conventual, instalada nas quatro alas do claustro, cujo centro é ocupado por notável cisterna, concluída em 1725. Na parte explorada, correspondente a cerca de um quarto da ala sul do claustro, verificou-se a existência de uma estrutura septada de alvenaria argamassada, formada por paredes ortogonais, as quais definiam alvéolos de planta quadrangular, onde sucessivos corpos foram inumados, em decúbito dorsal, com os braços flectidos e cruzados sobre o peito, acompanhados de rosários, de crucifixos metálicos e de medalhas religiosas (“verónicas”), a par de restos de indumentária (fivelas, sandálias) e de elementos relacionados com o sepultamento dos corpos, como inúmeros alfinetes, que prendiam as amortalhavam.

Trata-se de inumações de frades pertencentes ao próprio Convento, bem como, eventualmente, de habitantes das vizinhanças do edifício conventual, e ali tumulados, como era norma na época. A duração desta necrópole deve situar-se ao longo de todo o século XVII, a partir do momento da inauguração do claustro conventual, a 24 de Fevereiro de 1623, e até ao ano do terramoto.

Contudo, foi a parte superior da sequência estratigráfica, correspondente à deposição de uma camada ossífera sobre as sepulturas conventuais – justamente aquela que motivou o início dos trabalhos efectuados – que forneceu elementos de maior interesse e até então inéditos para a história da maior catástrofe que atingiu a cidade de Lisboa. Com efeito, aquele depósito ossífero pouco consolidado, evidenciou pela primeira vez, a presença de vítimas do terrível cataclismo. Ali se vieram a identificar, em total desordem, milhares de restos humanos quase sempre aleatoriamente dispersos, ainda que se observe a organização, em alguns sítios, das peças por critérios anatómicos, como os crânios e os ossos longos. A matriz deste depósito é constituída por mistura de materiais de construção muito fragmentados (tijolos, tijoleiras, azulejos, argamassas), restos



**Fig. 43** – Elementos de osso ou marfim de cruzes articuladas integradas em rosários ou cruzes seráficas, relacionados com as inumações em decúbito dorsal que se mantiveram *in situ* (Foto de J. L. Cardoso).



**Fig. 44** – Cruz de madeira e algumas das contas do respectivo rosário provavelmente relacionado com a indumentária de um frade franciscano, dos muitos inumados em decúbito dorsal que se mantiveram *in situ* (Foto de J. L. Cardoso).



Fig. 45 – Medalhas religiosas e cruzes de pendurar usadas na indumentária dos frades franciscanos e, eventualmente, dos leigos que poderiam também ter sido sepultados no claustro (Foto de J. L. Cardoso).

de alimentação (mamíferos, peixes e conchas) e artefactos de uso comum, com destaque para as faianças portuguesas do século XVII - 1.<sup>a</sup> metade do século XVIII, algumas moedas e restos de cachimbos ingleses, holandeses e portugueses, da mesma época.

Os crânios ostentam frequentes deformações e estalamentos, atribuídos à acção do calor, bem como frequentes alterações de cor, em resultado de hemorragias endo e exo-encefálicas. Um deles, de criança, conserva ainda um estilhaço de calcário cravado no frontal, suficiente para lhe ter provocado a morte, certamente caído da frontaria de um edifício.

Tais testemunhos são os primeiros que se identificam de forma tão evidente e completa de vítimas do terramoto de 1 de Novembro de 1755, a que sobreveio a derrocada de edifícios e a multiplicação de incêndios, durante vários dias.

Em consequência da tragédia, os restos mortais de milhares de vítimas, foram removidos nos dias, semanas e meses seguintes, por certo para diversos espaços sagrados da cidade, como foi o caso do claustro deste edifício conventual, de mistura com alguns entulhos das derrocadas.

Alguns crânios ostentam marcas de evidente violência, produzidas por armas brancas e de fogo – a que não será estranho o achado de duas balas de chumbo, uma delas com evidentes marcas de impacto – a que sobreveio o fogo, que acabou por eliminar intencionalmente quaisquer marcas da identidade das vítimas.

Pode admitir-se que os ossos humanos que integram o depósito funerário foram trazidos em carroças até ao local onde foram depositados, talvez transportados para o interior do claustro em cestos, ou alcofas, de mistura com entulhos das casas desmoronadas, constituindo camada contínua, nalguns casos formando



**Fig. 46** – Alfinetes utilizados no amortalhamento dos corpos inumados em decúbito dorsal que se mantiveram *in situ* (Foto de J. L. Cardoso).

verdadeiro ossuário, visto os ossos já terem perdido a quase totalidade das partes moles e se encontrarem em geral já totalmente desarticulados, em consequência de decomposição e de secagem, em resultado do calor desenvolvido pelos incêndios, cujas marcas se conservaram de forma tão evidente em tantos segmentos anatómicos, especialmente crânios.

No claustro do então convento de Jesus, tais restos foram espalhados, ao longo das suas alas sul e nascente, certamente aquelas que mais sofreram com o abalo; com efeito, são as únicas onde se não conservaram as lajes que, originalmente, forravam o respectivo piso, cobrindo as sepulturas primitivas da necrópole conventual.

A contabilização dos restos potencialmente ainda conservados nas áreas não escavadas, faz crer estar-se perante efectivos entre um e dois mil indivíduos.

Na parte mais superficial do referido depósito, encontraram-se restos dos finais do século XVIII, inícios do século XIX. Data dessa época a colocação de um soalho de tábuas corridas, ao longo da ala sul do claustro, apoiado em traves transversais cuja posição se encontra denunciada pelos alinhamentos de blocos de calcário subjacentes, ainda conservados.

Trata-se de um nova modalidade de utilização do espaço, denunciada pela recolha de fragmentos de materiais de laboratório de química, talvez testemunho da instalação da Aula Maynense, no final do século XVIII, compatível com o achado de numismas da mesma época e dos inícios do século seguinte. Por fim, certos materiais, do último quartel do século XIX, constituem indício de nova remodelação, relacionada com o funcionamento do Curso Superior de Letras.

Estes testemunhos constituem, pois, um acervo importante sobre a história de Lisboa, a começar pela do então convento, terminando, já nos albores do século XX. Por eles perpassam alguns dos acontecimentos mais notáveis da vida da capital, com natural destaque para os testemunhos antropológicos e arqueológicos que sem dúvida constituem um dos mais relevantes testemunhos materiais da catástrofe de 1 de Novembro de 1755. Desde logo reconhecida a sua importância, foi considerado oportuno pela Direcção da Academia das Ciências de Lisboa o agendamento de uma reunião para o dia 12 de Dezembro de 2005, a primeira reunião inter-academias, para, na presença do Senhor Ministro da Ciência e da Tecnologia, se comemorarem os 250 anos da catástrofe, com a primeira apresentação dos resultados das escavações realizadas, a cargo do signatário.

Os numerosos estudos de carácter pluridisciplinar que já então se vinham a desenvolver, sob a iniciativa do Director do Museu da Academia, Prof. Doutor Miguel Telles Antunes, foram apresentados pouco mais de um ano volvido, no Colóquio Inter-Academias celebrado na Academia das Ciências de Lisboa a 26 e 27 de Fevereiro de 2007. Importa destacar a decisiva contribuição daquela iniciativa para produzir novos conhecimentos, até então insuspeitos, sobre o terramoto, com base nos testemunhos materiais recuperados nas escavações.

Enfim, o interesse patrimonial e científico dos testemunhos recuperados pela intervenção arqueológica, não foi descurado: o acesso visual do sector com maior interesse da área escavada foi mantido, substituindo-se, para o efeito, o pavimento de lajes de calcário, previsto no projecto inicial, por uma estrutura de painéis de vidro resistente, conservando-se uma coluna estratigráfica com a sequência identificada. Deste modo, o edifício passou a conter mais um elemento importante para o conhecimento para a sua história, bem como para a história da cidade de Lisboa, que constituiu o elemento central da Exposição organizada pela Academia alusiva ao terramoto, “Testemunhas do Caos Faces do Terramoto” que esteve patente ao público, naquele mesmo espaço arqueológico, entre Julho e Dezembro de 2016.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. (2006-2007) – Palaeodemography and palaeopathology of an unidentified skeletal assemblage from a mass grave and its connection with the 1755 earthquake of Lisbon – the femora. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 43 (2), p. 319-368.
- ANTUNES, M. T. (2006-2007 a) – Vítimas do terramoto de 1755 e o convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa) – tentativa de síntese. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 43 (2), p. 213-242.
- ANTUNES, M. T. (2006-2007 b) – Macaco no claustro do convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 43 (2), p. 309-317.
- ANTUNES, M. T. (2006-2007 c) – Numismática. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 43 (2), p. 289-295.
- ANTUNES, M. T. & PAIS, J. (2006-2007) – Claustro do Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa). Alterações da prata e possível significado. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 43 (2), p. 303-308.

- CALLAPEZ, P. M.; BALBINO, A. C. & ANTUNES, M. T. (2006-2007) – Fauna malacológica moderna no claustro da Academia das Ciências de Lisboa. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 43 (2), p. 435-450.
- CARDOSO, J. L. (2006-2007) – Resultados das escavações arqueológicas realizadas no claustro do antigo Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa). *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 43 (2), p. 243-282.
- CATÁLOGO (2016) – *Testemunhas do Caos. Faces do terramoto*. Catálogo da exposição. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- FIGUEIREDO, D. & RAIMUNDO, R. (2006-2007) – Entomologia tanatológica – insectos e vítimas do terramoto de 1755 inumadas no claustro do convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa) e seu significado. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 43 (2), p. 369-374.
- LISBOA, Amador Patrício de (1758) – *Memorias das principaes providencias, que se derão no terremoto, que padeceo a Corte de Lisboa no anno de 1755*. Sem local de impressão nem indicação de oficina.
- LOURENÇO, M. A. (2006-2007) – Algumas reflexões acerca de objectos religiosos encontrados nas escavações no claustro da Academia das Ciências de Lisboa. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 43 (2), p. 49-76.
- PEREIRA, C. & ANTUNES, M. T. (2006-2007) – Vítimas do terramoto de 1755 no convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa). Identificação demográfica por parâmetros dentários. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 43 (2), p. 389-421.
- SOUSA, F. L. P. (1928) – *O Terremoto do 1.º de novembro de 1755 em Portugal e um estudo demográfico*. Vol. III – *Distrito de Lisboa*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- SOUSA, M. J.; FLORES, D.; VALENTIM, B. & NETO (2006-2007) – Estudos de Petrologia e Geoquímica Orgânicas. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa. 43 (2), p. 375-388